

Convergência

500

ABRIL • 2017 • ANO LII

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofrnacp
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Camila de Almeida Martins
Revisão: Letícia Figueiredo e Renato Thiel
Impressão: Editora Gráfica Ipiranga
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



EDIÇÕES CNBB
SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019
Fax: (61) 2193-3001
E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br
www.edicoescnbb.com.br

Sumário

Editorial

Misericórdia et misera 5

Mensagem do Papa

Carta Apostólica do Santo Padre Francisco *Misericórdia et misera*
a conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 21/11/2016
FRANCISCO 7

Mártires/Santos

Padre Alfred Kunz, conhecido como Pe. Alfredinho
POSTADO POR JUVENTUDE SÃO PEDRO E SÃO PAULO 24

Informes

Experiência de Intercongregacionalidade na Missão
ZENAIDE LAURENTINA MAYER 27

Comunicar a misericórdia uma forma de humanizar o mundo
V ENCONTRO INTERNACIONAL DE REVISTAS DE VIDA CONSAGRADA 31

Artigos

Repensar a opção preferencial pelos pobres
VÍCTOR CODINA SJ 33

Justiça, paz e integridade da criação e a vida religiosa
PE. RONALDO MAZULA, CMF 40

O desafio de ser um animador vocacional 56

Misericórdia et misera

A seção “Mensagem do Papa” traz na íntegra a Carta Apostólica do Papa Francisco na conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, em 21 de novembro de 2016. Assim inicia-se a Carta: “Misericórdia e mísera (*Misericórdia et misera*) são as duas palavras que Santo Agostinho utiliza para descrever o encontro de Jesus com a adúltera (Jo 8,1-11). Não podia encontrar expressão mais bela e coerente do que esta, para fazer compreender o mistério do amor de Deus quando vem ao encontro do pecador”.

Padre Alfredinho (Alfred Kunz) é apresentado na seção “Mártires/Santos” por sua opção preferencial pelos pobres, conforme a terceira prioridade da CRB para o triênio 2016–2019. Dom Frágoso, primeiro bispo de Crateús, dá este testemunho: “Penso que a mensagem deixada por Alfredinho é, em resumo, a seguinte: amem os pobres, acreditem nos pobres, sejam pobres, acolham a boa-nova que vem dos pobres no seguimento de Jesus de Nazaré, o Bem-Amado”.

Na seção “Informe”, Irmã Zenaide testemunha sua experiência de intercongregacionalidade, conforme a quarta prioridade da CRB para este triênio. Com apenas cinco meses de convivência na comunidade Intercongregacional, ela escreve sobre o caminho que a levou a fazer esta experiência e o que de concreto foi vivido na comunidade e na missão neste período.

Ainda como “Informe”, de 26 a 28 de outubro de 2016, aconteceu em Brasília o V Encontro Internacional de Revistas da Vida Consagrada, organizado pela CRB Nacional. O lema do Encontro foi “Comunicar a Misericórdia – uma forma de humanizar o mundo”. Houve 27 participantes de seis países e representantes de revistas brasileiras. A mensagem final do evento diz: “Somos uma voz que deve ser profética em suas propostas, em seus conteúdos, em suas imagens, em seus objetivos. Devemos ser uma voz mística que possa contagiar a vida de alegria, de ternura e misericórdia de Deus e seu projeto do Reino. Somos uma luz de esperança para um mundo que vive e sobrevive nas trevas da desumanização, indiferença, pobreza e

demais expressões de morte em nossos países. Estamos chamados a viver com paixão ao serviço de transmitir a Boa-Nova da misericórdia de Deus como uma forma de humanizar o mundo”.

A seção “Artigos” traz três textos. O primeiro é do Padre Victor Codina, que escreve sobre “Repensar a opção preferencial pelos pobres”. Expressa o autor: “A partir do Vaticano II e mais concretamente a partir de Medellín, a Vida Religiosa Consagrada (VRC), sobretudo a VRC latino-americana, entende o voto de pobreza religioso não somente como pobreza espiritual, não somente como uma vida simples e austera, não somente como uma partilha de bens, não somente como uma dependência dos superiores nos gastos, mas como uma opção pelos pobres, uma opção não exclusiva, mas preferencial e evangélica.

O segundo texto é do Pe. Ronaldo Mazula: “Justiça, Paz e Integridade da Criação e a Vida Religiosa”. O autor explica: “Apresentarei um breve quadro com tópicos de uma contextualização dos principais temas e reflexões atuais que nos convidam a perceber e acolher os apelos ou interpelações de Deus no mundo atual. Depois, uma breve síntese da *Laudato Si'* e, ao final, algumas humildes propostas para que a Vida Religiosa Consagrada possa colaborar no cuidado da Casa Comum e seguir lutando pela justiça e paz”.

Irmão Márcio oferece o terceiro texto: “O desafio de ser um animador vocacional”. Escreve: “O caminho feito por um(a) vocacionado(a) nos desafia como animadores(as) vocacionais a encontrar sempre melhores formas de acompanhá-lo(a). Podemos dizer que acompanhar jovens vocacionados(as) é um verdadeiro caminho para a santidade, é uma responsabilidade que nos compromete, nos envolve e nos desafia a viver em grande missão. Esta dimensão do acompanhamento como missão nos pede esforço e sensibilidade pessoal para entender a presença constante de Deus em toda a caminhada percorrida entre o animador e o vocacionado”.

Carta Apostólica¹ do Santo Padre Francisco *Misericordia et misera* a conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 21/11/2016

FRANCISCO

Aos que lerem esta Carta Apostólica, misericórdia e paz!

MISERICÓRDIA E MÍSERIA (*misericordia et misera*) são as duas palavras que Santo Agostinho utiliza para descrever o encontro de Jesus com a adúltera (Jo 8,1-11). Não podia encontrar expressão mais bela e coerente que esta para fazer compreender o mistério do amor de Deus quando vem ao encontro do pecador: “Ficaram apenas eles dois: a mísera e a misericórdia”.² Quanta piedade e justiça divina nesta narração! O seu ensinamento, ao mesmo tempo que ilumina a conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, indica o caminho que somos chamados a percorrer no futuro.

1. Esta página do Evangelho pode, com justa razão, ser considerada como ícone de tudo o que celebramos no Ano Santo, um tempo rico em misericórdia, a qual pede para continuar a ser *celebrada e vivida* nas nossas comunidades. Com efeito, a misericórdia não se pode reduzir a um parêntese na vida da Igreja, mas constitui a sua própria existência, que torna visível e palpável a verdade profunda do Evangelho. Tudo se revela na misericórdia; tudo se resume no amor misericordioso do Pai.

Encontraram-se uma mulher e Jesus: ela, adúltera e – segundo a Lei – julgada passível de lapidação; ele que, com a sua pregação e o dom total de si mesmo que o levará até a cruz, reconduziu a lei mosaica ao seu objetivo

1 Carta publicada em 2016 pela Edições CNBB como Documentos Pontifícios 29.

2 *In Johannis* 33,5.

originário genuíno. No centro, não temos a lei e a justiça legal, mas o amor de Deus, que sabe ler no coração de cada pessoa incluindo o seu desejo mais oculto e que deve ter a primazia sobre tudo. Entretanto, nesta narração evangélica, não se encontram o pecado e o juízo de forma abstrata, mas uma pecadora e o Salvador. Jesus fixou nos olhos aquela mulher e leu no seu coração: lá encontrou o desejo de ser compreendida, perdoada e libertada. A miséria do pecado foi revestida pela misericórdia do amor. Da parte de Jesus, nenhum juízo que não estivesse repassado de piedade e compaixão pela condição da pecadora. A quem pretendia julgá-la e condená-la à morte, Jesus responde com um longo silêncio, cujo intuito é deixar emergir a voz de Deus tanto na consciência da mulher como nas dos seus acusadores. Estes deixam cair as pedras das mãos e vão embora um a um (Jo 8,9). E, depois daquele silêncio, Jesus diz: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou? (...) Eu também não te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (8,10.11). Desta forma, ajuda-a a olhar para o futuro com esperança, pronta a recomeçar a sua vida; a partir de agora, se quiser, poderá viver no amor (Ef 5,2). Depois que se revestiu da misericórdia, embora permaneça a condição de fraqueza por causa do pecado, tal condição é dominada pelo amor que consente em olhar mais além e viver de maneira diferente.

2. Aliás, Jesus ensinara-o claramente quando, em casa de um fariseu que o convidara para almoçar, se aproximou dele uma mulher conhecida por todos como pecadora (Lc 7,36-50). Esta ungiu com perfume os pés de Jesus, banhara-os com as suas lágrimas e enxugara-os com os seus cabelos (7,37-38). À reação scandalizada do fariseu, Jesus retorquiu: “Os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem menos se perdoa, ama menos” (7,47).

O perdão é o sinal mais visível do amor do Pai, que Jesus quis revelar em toda a sua vida. Não há página do Evangelho que possa ser subtraída a este imperativo do amor que chega até o perdão. Até nos últimos momentos da sua existência terrena, ao ser pregado na cruz, Jesus tem palavras de perdão: “Pai perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!” (Lc 23,34).

Nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão. É por este motivo que nenhum de nós pode pôr condições à misericórdia; esta permanece sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e não merecido. Por isso, não podemos correr o risco de nos opor à plena liberdade do amor com que Deus entra na vida de cada pessoa.

A misericórdia é esta ação concreta do amor que, perdoadando, transforma e muda a vida. É assim que se manifesta o seu mistério divino.

Deus é misericordioso (Ex 34,6), a sua misericórdia é eterna (Sl 136/135), de geração em geração abraça cada pessoa que confia nele e transforma-a, dando-lhe a sua própria vida.

3. Quanta alegria brotou no coração destas duas mulheres: a adúltera e a pecadora! O perdão as fez sentirem-se, finalmente, livres e felizes como nunca antes. As lágrimas da vergonha e do sofrimento transformaram-se no sorriso de quem sabe que é amado. A misericórdia suscita *alegria*, porque o coração se abre à esperança de uma vida nova. A alegria do perdão é indescritível, mas transparece em nós sempre que a experimentamos. Em sua origem, está o amor com que Deus vem ao nosso encontro, rompendo o círculo de egoísmo que nos envolve, para fazer também de nós instrumentos de misericórdia.

Como são significativas, também para nós, estas palavras antigas que guiavam os primeiros cristãos: “Reveste-te de alegria, que é sempre agradável a Deus e por ele bem acolhida. Todo o homem alegre trabalha bem, pensa bem e despreza a tristeza. (...) Viverão em Deus todas as pessoas que afastam a tristeza e se revestem de toda a alegria”.³ Experimentar a misericórdia dá alegria; não deixemos que as aflições e preocupações roubem nossa alegria. Que ela permaneça bem enraizada no nosso coração e sempre nos faça olhar com serenidade a vida do dia a dia.

Em uma cultura frequentemente dominada pela tecnologia, parecem multiplicar-se as formas de tristeza e solidão em que caem as pessoas, inclusive muitos jovens. Com efeito, o futuro parece estar refém da incerteza, que não permite ter estabilidade. É assim que muitas vezes surgem sentimentos de melancolia, tristeza e tédio, que podem, pouco a pouco, levar ao desespero. Há necessidade de testemunhas de esperança e de alegria verdadeira, para expulsar as quimeras que prometem uma felicidade fácil com paraísos artificiais. O vazio profundo de tanta gente pode ser preenchido pela esperança que trazemos no coração e pela alegria que brota dela. Há tanta necessidade de reconhecer a alegria que se revela no coração tocado pela misericórdia! Por isso, guardemos como um tesouro estas palavras do apóstolo: “Alegrai-vos sempre no Senhor!” (Fl 4,4; cf. 1Ts 5,16).

4. Celebramos um Ano intenso, durante o qual nos foi concedida, em abundância, a graça da misericórdia. Como um vento impetuoso e salutar, a bondade e a misericórdia do Senhor derramaram-se sobre o mundo inteiro. E perante este olhar amoroso de Deus, que se fixou de maneira tão prolongada sobre cada um de nós, não podemos ficar indiferentes, porque muda a nossa vida.

3 HERMAS, *O Pastor*, 42, 1-4.

Antes de mais nada, sentimos necessidade de agradecer ao Senhor, dizendo-lhe: “Senhor, foste bom com tua terra (...). Perdoastes a iniquidade do teu povo” (Sl 85/84,2.3). Foi mesmo assim: Deus esmagou as nossas culpas e lançou ao fundo do mar os nossos pecados (Mq 7,19); já não se lembra deles, lançou-os para trás de si (Is 38,17); como o Oriente está afastado do Ocidente, assim os nossos pecados estão longe dele (Sl 103/102,12).

Neste Ano Santo, a Igreja pôde colocar-se à escuta e experimentou com grande intensidade a presença e proximidade do Pai, que, por obra do Espírito Santo, lhe tornou mais evidente o dom e o mandato de Jesus Cristo em relação ao perdão. Foi realmente uma nova visita do Senhor em nosso meio. Sentimos o seu sopro vital efundir-se sobre a Igreja, enquanto, mais uma vez, as suas palavras indicavam a missão: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, lhes serão retidos” (Jo 20,22-23).

5. Agora, concluído este Jubileu, é tempo de olhar adiante e compreender como se pode continuar, com fidelidade, alegria e entusiasmo, a experimentar a riqueza da misericórdia divina. As nossas comunidades serão capazes de permanecer vivas e dinâmicas na obra da nova evangelização na medida em que a “conversão pastoral”, que estamos chamados a viver,⁴ for plasmada dia após dia pela força renovadora da misericórdia. Não limitemos a sua ação; não entristecemos o Espírito que indica sempre novas sendas a percorrer para levar a todos o Evangelho da salvação.

Em primeiro lugar, somos chamados a *celebrar* a misericórdia. Quanta riqueza está presente na oração da Igreja, quando invoca a Deus como Pai misericordioso! Na liturgia, não só se evoca repetidamente a misericórdia, mas ela é realmente recebida e vivida. Desde o início até o fim da *Celebração Eucarística*, a misericórdia reaparece várias vezes no diálogo entre a assembleia orante e o coração do Pai, que rejubila quando pode derramar o seu amor misericordioso. Logo na altura do pedido inicial de perdão com a invocação “Senhor, tende piedade de nós”, somos tranquilizados: “Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna”. É com esta confiança que a comunidade se reúne na presença do Senhor, especialmente no dia semanal que recorda a ressurreição. Muitas orações ditas “coletas” procuram recordar-nos o grande dom da misericórdia. No tempo da Quaresma, por exemplo, rezamos com estas palavras: “Ó Deus, fonte de toda a misericórdia e de toda a bondade, vós nos indicastes o jejum, a esmola e a oração como remédio contra o pecado. Acolhei esta confissão da nossa fraqueza para que, humilhados pela

4 FRANCISCO. *Evangelii Gaudium* (EG). Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2014, n. 27.

consciência de nossas faltas, sejamos confortados pela vossa misericórdia”.⁵ Mais adiante, somos introduzidos na Oração Eucarística pelo Prefácio, que proclama: Na vossa infinita misericórdia “de tal modo amastes o mundo, que nos enviastes, como Redentor, vosso próprio Filho, em tudo semelhante a nós, exceto no pecado”.⁶ Aliás, a própria Oração IV é um hino à misericórdia de Deus: Na vossa misericórdia “a todos socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar”.⁷ “Tende piedade de todos nós Senhor”.⁸ é a súplica premente que o sacerdote faz na Oração Eucarística para implorar a participação na vida eterna. Depois do Pai-Nosso, o sacerdote prolonga a oração invocando a paz e a libertação do pecado, “ajudados pela vossa misericórdia”, e antes da saudação da paz que os participantes trocam entre si como expressão de fraternidade e amor mútuo à luz do perdão recebido, o celebrante reza de novo: “Não olheis os nossos pecados, mas a fé que anima vossa Igreja”.⁹ Por meio dessas palavras, pedimos com humilde confiança o dom da unidade e da paz para a Santa Mãe Igreja. Assim, a celebração da misericórdia divina culmina no Sacrifício Eucarístico, memorial do mistério pascal de Cristo, do qual brota a salvação para todo o ser humano, a história e o mundo inteiro. Em suma, cada momento da Celebração Eucarística faz referência à misericórdia de Deus.

Mas, em toda a vida sacramental, nos é dada com abundância a misericórdia. Realmente é significativo que a Igreja tenha querido fazer explicitamente apelo à misericórdia na fórmula dos dois sacramentos chamados “de cura”: a *Reconciliação* e a *Unção dos Enfermos*. Assim reza a fórmula da absolvição: “Deus, Pai de misericórdia, que, pela morte e ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito para a remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz”;¹⁰ e ao ungir a pessoa doente: “Por esta santa Unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo”.¹¹ Deste modo, a referência à misericórdia na oração da Igreja, longe de ser apenas parenética, é altamente *realizadora*, ou seja, quando a invocamos com fé, nos é concedida; quando a confessamos viva e real, efetivamente nos transforma. Este é um conteúdo fundamental da nossa fé, que devemos conservar em toda a sua originalidade: ainda antes e acima da revelação do

5 *Missal Romano*, III Domingo da Quaresma.

6 *Missal Romano*, Prefácio VII dos Domingos do Tempo Comum.

7 *Missal Romano*, Oração Eucarística IV.

8 *Missal Romano*, Oração Eucarística II.

9 *Missal Romano*, Ritos da Comunhão.

10 *Ritual da Penitência*, n. 46.

11 *Ritual da Unção dos Enfermos*, n. 76.

pecado, temos a revelação do amor com que Deus criou o mundo e os seres humanos. O amor é o primeiro ato com que Deus se deu a conhecer e vem ao nosso encontro. Por isso, mantenhamos o coração aberto à confiança de ser amados por Deus. O seu amor sempre nos precede, acompanha e permanece conosco, não obstante o nosso pecado.

6. Neste contexto, assume significado particular também a *escuta da Palavra de Deus*. A cada domingo, a Palavra de Deus é proclamada na comunidade cristã, para que o Dia do Senhor seja iluminado pela luz que dimana do mistério pascal.¹² Na Celebração Eucarística, é como se assistíssemos a um verdadeiro diálogo entre Deus e o seu povo. Com efeito, na proclamação das Leituras bíblicas, repassa-se a história da nossa salvação por meio da obra incessante de misericórdia que é anunciada. Deus nos fala ainda hoje como a amigos, “convive” conosco¹³ nos oferecendo a sua companhia e nos mostrando a senda da vida. A sua Palavra faz-se intérprete dos nossos pedidos e preocupações e, simultaneamente, resposta fecunda para podermos experimentar concretamente a sua proximidade. Quão grande importância adquire a *homilia*, na qual “a verdade anda de mãos dadas com a beleza e o bem”,¹⁴ para fazer vibrar o coração dos fiéis perante a grandeza da misericórdia! Recomendo vivamente a preparação da homilia e o cuidado na sua proclamação. Será tanto mais frutuosa quanto mais o sacerdote tiver experimentado em si mesmo a bondade misericordiosa do Senhor. Comunicar a certeza de que Deus nos ama não é um exercício de retórica, mas condição de credibilidade do próprio sacerdócio. Por conseguinte, viver a misericórdia é a via mestra para fazê-la tornar-se um verdadeiro anúncio de consolação e conversão na vida pastoral. A homilia, como também a catequese, precisam ser sempre sustentadas por este coração pulsante da vida cristã.

7. A *Bíblia* é a grande narração que relata as maravilhas da misericórdia de Deus. Nela, cada página está imbuída do amor do Pai, que, desde a criação, quis imprimir no universo os sinais de seu amor. O Espírito Santo, por meio das palavras dos profetas e dos escritos sapienciais, moldou a história de Israel no reconhecimento da ternura e proximidade de Deus, não obstante a infidelidade do povo. A vida de Jesus e a sua pregação marcam, de forma determinante, a história da comunidade cristã, que compreendeu a sua missão com base no mandato que Cristo lhe confiou de ser instrumento permanente da sua misericórdia e do seu perdão (Jo 20,23). Mediante a Sagrada Escritura, mantida viva pela fé da Igreja, o

12 CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium* (SC), n. 106.

13 CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum* (DV), n. 2.

14 EG, n. 142.

Senhor continua a falar à sua Esposa, indicando-lhe as sendas a percorrer para que o Evangelho da salvação chegue a todos. É meu vivo desejo que a Palavra de Deus seja cada vez mais celebrada, conhecida e difundida, para que se possa, por meio dela, compreender melhor o mistério de amor que dimana daquela fonte de misericórdia. Claramente nos recorda o apóstolo: “Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça” (2Tm 3,16).

Seria conveniente que cada comunidade pudesse, em um domingo do Ano Litúrgico, renovar o compromisso em prol da difusão, do conhecimento e do aprofundamento da Sagrada Escritura: um domingo dedicado inteiramente à Palavra de Deus, para compreender a riqueza inesgotável que provém do diálogo constante de Deus com o seu povo. Não há de faltar a criatividade para enriquecer o momento com iniciativas que estimulem os fiéis a ser instrumentos vivos de transmissão da Palavra. Entre tais iniciativas, está certamente uma difusão mais ampla da *lectio divina*, para que, mediante a leitura orante do texto sagrado, a vida espiritual encontre apoio e crescimento. A *lectio divina* sobre os temas da misericórdia consentirá verificar a grande fecundidade que deriva do texto sagrado, lido à luz de toda a tradição espiritual da Igreja, que leva necessariamente a gestos e obras concretas de caridade.¹⁵

8. A celebração da misericórdia tem lugar, de forma muito particular, no *sacramento da Reconciliação*. Este é o momento em que sentimos o abraço do Pai, que vem ao nosso encontro para nos restituir a graça de voltarmos a ser seus filhos. Nós somos pecadores e carregamos conosco o peso da contradição entre o que queríamos fazer e aquilo que, ao contrário, acabamos concretamente por fazer (Rm 7,14-21); mas a graça sempre nos precede e assume o rosto da misericórdia que se torna eficaz na reconciliação e no perdão. Deus nos faz compreender o seu amor imenso precisamente à vista da nossa realidade de pecadores. A graça é mais forte, e supera qualquer possível resistência, porque o amor tudo vence (1Cor 13,7).

No sacramento do Perdão, Deus mostra o caminho da conversão a ele e convida a experimentar de novo a sua proximidade. É um perdão que pode ser obtido, começando antes de mais nada a *viver a caridade*. Assim nos recorda o apóstolo Pedro, quando escreve que “o amor cobre uma multidão de pecados” (1Pd 4,8). Só Deus perdoa os pecados, mas também nos pede que estejamos prontos a perdoar aos outros, como ele nos perdoa: “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos que nos devem” (Mt 6,12). Como é triste quando ficamos fechados em nós mesmos,

15 BENTO XVI. *Verbum Domini* (VD). Documentos Pontifícios 6. Brasília: Edições CNBB, 2011, n. 86-87.

incapazes de perdoar! Prevalecem o ressentimento, a ira, a vingança, tornando a vida infeliz e frustrando o jubiloso compromisso pela misericórdia.

9. Uma experiência de graça que a Igreja viveu, com tanta eficácia, no Ano Jubilar foi, certamente, o serviço dos *Missionários da Misericórdia*. A sua ação pastoral pretendeu tornar evidente que Deus não põe qualquer barreira aos que o procuram de coração arrependido, mas vai ao encontro de todos como um Pai. Recebi muitos testemunhos de alegria pelo renovado encontro com o Senhor no sacramento da Confissão. Não percamos a oportunidade de viver a fé, inclusive como experiência da reconciliação. “Reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20): é o convite que ainda hoje dirige o apóstolo a cada fiel para lhe fazer descobrir a força do amor que o torna uma “criatura nova” (2Cor 5,17).

Quero expressar a minha gratidão a todos os Missionários da Misericórdia pelo valioso serviço oferecido para tornar eficaz a graça do perdão. Mas este ministério extraordinário não termina com o fechamento da Porta Santa. De fato, desejo que permaneça ainda, até novas ordens, como sinal concreto de que a graça do Jubileu continua a ser viva e eficaz nas várias partes do mundo. Será responsabilidade do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização seguir, neste período, os Missionários da Misericórdia, como expressão direta da minha solicitude e proximidade e encontrar as formas mais coerentes para o exercício deste precioso ministério.

10. Aos sacerdotes, renovo o convite para se prepararem com grande cuidado para o ministério da Confissão, que é uma verdadeira missão sacerdotal. Agradeço vivamente pelo vosso serviço e peço para serdes *acolhedores* com todos, *testemunhas* da ternura paterna não obstante a gravidade do pecado, *solícitos* em ajudar a refletir sobre o mal cometido, *claros* ao apresentar os princípios morais, *disponíveis* para acompanhar os fiéis no caminho penitencial respeitando com paciência o seu passo, *clarividentes* no discernimento de cada um dos casos, *generosos* na concessão do perdão de Deus. Como Jesus, perante a adúltera, optou por permanecer em silêncio para salvá-la da condenação à morte, assim também o sacerdote, no confessionário, seja magnânimo de coração, ciente de que cada penitente lhe recorda a sua própria condição pessoal: pecador, mas ministro da misericórdia.

11. Gostaria que todos nós meditássemos as palavras do apóstolo, escritas no final da sua vida, quando confessa a Timóteo ser o primeiro dos pecadores, mas, justamente por isso, “alcancei misericórdia” (1Tm 1,16). As suas palavras têm uma força que irrompe também em nós, levando-nos a refletir sobre a nossa existência vendo em ação a misericórdia de Deus na mudança, conversão e transformação do nosso coração: “Sou agradecido

àquele que me deu forças, Cristo Jesus, nosso Senhor, pela confiança que teve em mim, colocando-me a seu serviço, a mim que, antes, blasfemava, perseguia e agia com violência. Mas alcancei misericórdia” (1Tm 1,12-13).

Por isso lembremos, com paixão pastoral sempre renovada, as palavras do apóstolo: “Tudo vem de Deus, que, por Cristo, nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação” (2Cor 5,18). Nós, primeiro, fomos perdoados, tendo em vista este ministério; tornamo-nos testemunhas em primeira mão da universalidade do perdão. Não há lei nem preceito que possa impedir a Deus de abraçar novamente o filho que regressa a ele reconhecendo que errou, mas decidido a começar de novo. Deter-se apenas na lei equivale a invalidar a fé e a misericórdia divina. Há um valor preparatório na lei (Gl 3,24), cujo fim é o amor (1Tm 1,5). Mas o cristão é chamado a viver a novidade do Evangelho, “a lei do Espírito, que dá a vida no Cristo Jesus” (Rm 8,2). Mesmo nos casos mais complexos, em que se é tentado a fazer prevalecer uma justiça que deriva apenas das normas, deve-se crer na força que brota da graça divina.

Nós, confessores, temos experiência de muitas conversões que ocorrem diante dos nossos olhos. Sintamos, portanto, a responsabilidade de gestos e palavras que possam chegar ao fundo do coração do penitente, para que descubra a proximidade e a ternura do Pai que perdoa. Não invalidemos estes momentos com comportamentos que possam contradizer a experiência da misericórdia que se procura; mas, antes, ajudemos a iluminar o espaço da consciência pessoal com o amor infinito de Deus (1Jo 3,20).

O sacramento da Reconciliação precisa voltar a ter o seu lugar central na vida cristã; para isso, requerem-se sacerdotes que ponham a sua vida a serviço do “ministério da reconciliação” (2Cor 5,18), de tal modo que a ninguém sinceramente arrependido seja impedido o acesso ao amor do Pai que espera o seu regresso e, ao mesmo tempo, a todos seja oferecida a possibilidade de experimentar a força libertadora do perdão.

Uma ocasião propícia pode ser a celebração da iniciativa *24 horas para o Senhor* nas proximidades do IV Domingo da Quaresma, que goza já de amplo consenso nas dioceses e continua a ser um forte apelo pastoral para viver intensamente o sacramento da Confissão.

12. Em virtude desta exigência, para que nenhum obstáculo exista entre o pedido de reconciliação e o perdão de Deus, concedo, a partir de agora, a todos os sacerdotes, em virtude do seu ministério, a faculdade de absolver a todas as pessoas que incorreram no pecado do aborto. Aquilo que eu

concedera de forma limitada ao período jubilar¹⁶ fica agora alargado no tempo, não obstante qualquer disposição em contrário. Quero reiterar com todas as minhas forças que o aborto é um grave pecado, porque põe fim a uma vida inocente; mas, com igual força, posso e devo afirmar que não existe algum pecado que a misericórdia de Deus não possa alcançar e destruir, quando encontra um coração arrependido que pede para se reconciliar com o Pai. Portanto, cada sacerdote faça-se guia, apoio e conforto no acompanhamento dos penitentes neste caminho de especial reconciliação.

No Ano do Jubileu, aos fiéis que por variados motivos frequentam as igrejas oficiadas pelos sacerdotes da Fraternidade de São Pio X, tinha-lhes concedido receber válida e licitamente a absolvição sacramental dos seus pecados.¹⁷ Para o bem pastoral destes fiéis e confiando na boa vontade dos seus sacerdotes para que se possa recuperar, com a ajuda de Deus, a plena comunhão na Igreja Católica, estabeleço por minha própria decisão de estender esta faculdade para além do período jubilar, até novas disposições sobre o assunto, a fim de que a ninguém falte jamais o sinal sacramental da reconciliação por meio do perdão da Igreja.

13. A misericórdia possui também o rosto da *consolação*. “Consolai, consolai o meu povo!” (Is 40,1): são as palavras sinceras que o profeta faz ouvir ainda hoje, para que possa chegar uma palavra de esperança aos que estão no sofrimento e na aflição. Nunca deixemos que nos roubem a esperança que provém da fé no Senhor ressuscitado. É verdade que muitas vezes somos sujeitos a dura prova, mas não deve jamais esmorecer a certeza de que o Senhor nos ama. A sua misericórdia expressa-se também na proximidade, no carinho e no apoio que muitos irmãos e irmãs podem oferecer quando sobrevêm os dias da tristeza e da aflição. Enxugar as lágrimas é uma ação concreta que rompe o círculo de solidão no qual muitas vezes ficamos presos.

Todos precisamos de consolação, porque ninguém está imune ao sofrimento, à tribulação e à incompreensão. Quanta dor pode causar uma palavra maldosa, fruto da inveja, do ciúme e da ira! Quanta sofrimento provoca a experiência da traição, da violência e do abandono! Quanta amargura perante a morte das pessoas queridas! E, todavia, Deus nunca está longe quando se vivem estes dramas. Uma palavra que anima, um abraço que te faz sentir compreendido, uma carícia que deixa perceber o amor, uma oração que permite ser mais forte... São todas expressões da proximidade de Deus mediante a consolação oferecida pelos irmãos.

16 FRANCISCO. *Carta pela qual se concede a indulgência por ocasião do Jubileu da Misericórdia*, 1º de setembro de 2015.

17 Idem.

Às vezes, poderá ser de grande ajuda também o *silêncio*, porque em certas ocasiões não há palavras para responder às perguntas de quem sofre. Mas, à falta da palavra, pode suprir a compaixão de quem está presente, próximo, ama e estende a mão. Não é verdade que o silêncio seja um ato de rendição; pelo contrário, é um momento de força e de amor. O próprio silêncio pertence à nossa linguagem de consolação, porque se transforma em um gesto concreto de partilha e participação no sofrimento do irmão.

14. Em um momento particular como o nosso que, entre muitas crises, registra também a da família, é importante fazer chegar uma palavra de força consoladora às nossas famílias. O dom do matrimônio é uma grande vocação, que se há de viver, com a graça de Cristo, no amor generoso, fiel e paciente. A beleza da família permanece inalterada, apesar de tantas sombras e propostas alternativas: “a alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja”.¹⁸ A senda da vida que leva um homem e uma mulher a encontrarem-se, amarem-se e prometerem reciprocamente, diante de Deus, uma fidelidade para sempre, é muitas vezes interrompida pelo sofrimento, pela traição e pela solidão. A alegria pelo dom dos filhos não está imune às preocupações sentidas pelos pais com o seu crescimento e a sua formação, com um futuro digno de ser vivido intensamente.

A graça do sacramento do Matrimônio não só fortalece a família, para que seja o lugar privilegiado onde se vive a misericórdia, mas também compromete a comunidade cristã e toda a atividade pastoral para pôr em realce o grande valor propositivo da família. Por isso, este Ano Jubilar não pode perder de vista a complexidade da realidade familiar atual. A experiência da misericórdia nos torna capazes de encarar todas as dificuldades humanas com a atitude do amor de Deus, que não se cansa de acolher e acompanhar.¹⁹

Não podemos esquecer que cada um traz consigo a riqueza e o peso da sua própria história, que nos distingue de qualquer outra pessoa. A nossa vida, com as suas alegrias e os seus sofrimentos, é algo único e irrepetível que se desenrola sob o olhar misericordioso de Deus. Isto requer, sobretudo por parte do sacerdote, um discernimento espiritual atento, profundo e clarividente, para que toda a pessoa, sem exceção, em qualquer situação que viva, possa sentir-se concretamente acolhida por Deus, participar ativamente na vida da comunidade e estar inserida no povo de Deus que incansavelmente caminha para a plenitude do reino de Deus, reino de justiça, de amor, de perdão e de misericórdia.

18 FRANCISCO. *Amoris Laetitia* (AL). Documentos Pontifícios 24. Brasília: Edições CNBB, 2016, n. 1.

19 Ibidem, n. 291-300.

15. Reveste-se de particular importância *o momento da morte*. A Igreja viveu sempre esta dramática passagem à luz da ressurreição de Jesus Cristo, que abriu a estrada para a certeza da vida futura. Temos aqui um grande desafio a abraçar, sobretudo na cultura contemporânea que, muitas vezes, tende a banalizar a morte até reduzi-la a simples ficção ou a ocultá-la. Ao contrário, a morte há de ser enfrentada e preparada como uma passagem que, embora dolorosa e inevitável, é cheia de sentido: o ato extremo de amor para com as pessoas que se deixam e para com Deus, a cujo encontro se vai. Em todas as religiões, o momento da morte – como aliás, o do nascimento – é acompanhado por uma presença religiosa. Nós vivemos a experiência das *exéquias* como uma oração cheia de esperança para a alma da pessoa falecida e para dar consolação àqueles que sofrem a separação da pessoa amada.

Estou convencido de que há necessidade, na pastoral animada por uma fé viva, de tornar palpável como os sinais litúrgicos e as nossas orações são expressão da misericórdia do Senhor. É ele próprio que oferece palavras de esperança, porque nada nem ninguém poderá nos separar jamais do seu amor (Rm 8,35.38-39). A partilha deste momento pelo sacerdote é um acompanhamento importante, porque lhe permite viver a proximidade com a comunidade cristã no momento de fraqueza, solidão, incerteza e pranto.

16. Termina o Jubileu e fecha-se a Porta Santa. Mas a porta da misericórdia do nosso coração permanece sempre aberta de par em par. Aprendemos que Deus se inclina sobre nós (Os 11,4), para que também nós possamos imitá-lo inclinando-nos sobre os irmãos. A saudade que muitos sentem de regressar à casa do Pai, que aguarda a sua chegada, é suscitada também por testemunhas sinceras e generosas da ternura divina. A Porta Santa, que cruzamos neste Ano Jubilar, nos introduziu no *caminho da caridade*, que somos chamados a percorrer todos os dias com fidelidade e alegria. É a estrada da misericórdia que torna possível encontrar tantos irmãos e tantas irmãs que estendem a mão para que alguém possa agarrá-la, a fim de caminharem juntos.

Querer estar perto de Cristo exige fazer-se próximo dos irmãos, porque nada é mais agradável ao Pai do que um sinal concreto de misericórdia. Por sua própria natureza, a misericórdia torna-se visível e palpável em uma ação concreta e dinâmica. Uma vez que se experimentou a misericórdia em toda a sua verdade, nunca mais se volta atrás: cresce continuamente e transforma a vida. É, na verdade, uma nova criação que faz um coração novo, capaz de amar plenamente, e purifica os olhos para reconhecerem as necessidades mais ocultas. Como são verdadeiras as palavras com que a Igreja reza na Vigília Pascal, depois da leitura da narração da criação: “Ó Deus, admirável na criação do ser humano, e ainda mais na sua redenção...”!²⁰

20 *Missal Romano*, Vigília Pascal, Oração depois da Primeira Leitura.

A misericórdia *renova* e *redime*, porque é o encontro de dois corações: o de Deus que vem ao encontro do coração do homem. Este inflama-se e o primeiro cura-o: o coração de pedra é transformado em coração de carne (Ez 36,26), capaz de amar, não obstante o seu pecado. Nisto se nota que somos verdadeiramente uma “nova criatura” (Gl 6,15): sou amado, logo existo; estou perdoado, por conseguinte renasço para uma vida nova; fui “misericordiado” e, conseqüentemente, feito instrumento da misericórdia.

17. Durante o Ano Santo, especialmente nas “*sextas-feiras da misericórdia*”, pude verificar concretamente a grande quantidade de bem que existe no mundo. Com frequência, não é conhecido, porque se realiza diariamente de forma discreta e silenciosa. Embora não façam notícia, existem muitos sinais concretos de bondade e ternura para com os mais humildes e indefesos, os que vivem mais sozinhos e abandonados. Há verdadeiros protagonistas da caridade, que não deixam faltar a solidariedade aos mais pobres e infelizes. Agradecemos ao Senhor por estes dons preciosos, que convidam a descobrir a alegria de aproximar-se da humanidade ferida. Com gratidão, penso nos inúmeros voluntários que diariamente dedicam o seu tempo a manifestar a presença e proximidade de Deus com a sua entrega. O seu serviço é uma genuína obra de misericórdia, que ajuda muitas pessoas a aproximarem-se da Igreja.

18. É a hora de dar espaço à imaginação a propósito da misericórdia, para dar vida a muitas obras novas, fruto da graça. A Igreja precisa narrar hoje aqueles “muitos outros sinais” que Jesus realizou e que “não estão escritos” (Jo 20,30), de modo que sejam expressão eloquente da fecundidade do amor de Cristo e da comunidade que vive dele. Já se passaram mais de dois mil anos e, todavia, as obras de misericórdia continuam a tornar visível a bondade de Deus.

Ainda hoje, populações inteiras padecem de fome e sede, sendo grande a preocupação suscitada pelas imagens de crianças que não têm nada para se alimentar. Multidões de pessoas continuam a emigrar de um país para outro à procura de alimento, trabalho, casa e paz. A doença, nas suas várias formas, é um motivo permanente de aflição que requer ajuda, consolação e apoio. Os estabelecimentos prisionais são lugares onde muitas vezes, à pena restritiva da liberdade, se juntam transtornos por vezes graves devido às condições desumanas de vida. O analfabetismo ainda é muito difuso, impedindo meninos e meninas de se formarem, expondo-os a novas formas de escravidão. A cultura do individualismo exacerbado, sobretudo no Ocidente, leva a perder o sentido de solidariedade e responsabilidade para com os outros. O próprio Deus continua a ser hoje um desconhecido para muitos; isto constitui a maior pobreza e o maior obstáculo para o reconhecimento da dignidade inviolável da vida humana.

Em suma, as obras de misericórdia corporal e espiritual constituem, até os nossos dias, a verificação da grande e positiva incidência da misericórdia como *valor social*. Com efeito, nos impela a arregaçar as mangas para restituir dignidade a milhões de pessoas que são nossos irmãos e nossas irmãs, chamados conosco a construir uma “cidade confiável”.²¹

19. Muitos sinais concretos de misericórdia foram realizados durante este Ano Santo. Comunidades, famílias e indivíduos fiéis redescobriram a alegria da partilha e a beleza da solidariedade. Mas não basta. O mundo continua a gerar novas formas de pobreza espiritual e material, que comprometem a dignidade das pessoas. É por isso que a Igreja deve permanecer vigilante e pronta para individuar novas obras de misericórdia e implementá-las com generosidade e entusiasmo.

Assim, ponhamos todo o esforço em dar formas concretas à caridade e, ao mesmo tempo, entender melhor as obras de misericórdia. Com efeito, esta possui um efeito inclusivo porque tende a difundir-se como uma mancha de óleo e não conhece limites. E, neste sentido, somos chamados a dar um novo rosto às obras de misericórdia que conhecemos desde sempre. De fato, a misericórdia extravasa; vai sempre mais além, é fecunda. É como o fermento que faz levedar a massa (Mt 13,33), e como o grão de mostarda que se transforma em árvore (Lc 13,19).

A título de exemplo, basta pensar na obra de misericórdia corporal *vestir quem está nu* (Mt 25,36.38.43.44). A mesma nos reconduz aos primórdios, ao jardim do Éden, quando Adão e Eva descobriram que estavam nus e, ouvindo aproximar-se o Senhor, tiveram vergonha e esconderam-se (Gn 3,7-8). Sabemos que o Senhor os castigou; no entanto, ele “fez para o homem e sua mulher roupas de peles com as quais os vestiu” (Gn 3,21). A vergonha é superada e a dignidade restituída.

Fixemos o olhar também em Jesus no Gólgota. Na cruz, o Filho de Deus está nu; a sua túnica foi sorteada e levada pelos soldados (Jo 19,23-24); ele não tem mais nada. Na cruz, manifesta-se ao máximo a partilha de Jesus com as pessoas que perderam a dignidade, por terem sido privadas do necessário. Assim como a Igreja é chamada a ser a “túnica de Cristo”²² para revestir o seu Senhor, assim também ela se comprometeu a tornar-se solidária com os nus da terra, a fim de recuperarem a dignidade de que foram despojados. Dessa forma, as palavras de Jesus – “estava nu e me vestistes” (Mt 25,36) – obrigam-nos a não desviar o olhar das novas formas de pobreza e marginalização que impedem as pessoas de viverem com dignidade.

21 BENTO XVI. *Lumen Fidei* (LF). Documentos Pontifícios 16. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 50.

22 Cipriano, *A unidade da Igreja Católica*, 7.

Não ter trabalho nem receber um salário justo, não poder ter uma casa ou uma terra onde habitar, ser discriminados pela fé, a raça, a posição social... Estas e muitas outras são condições que atentam contra a dignidade da pessoa; diante delas, a ação misericordiosa dos cristãos responde, antes de mais nada, com a vigilância e a solidariedade. Hoje, são tantas as situações em que podemos restituir dignidade às pessoas, consentindo-lhes uma vida humana. Basta pensar em tantos meninos e meninas que sofrem violências de vários tipos, que lhes roubam a alegria da vida. Os seus rostos tristes e desorientados permanecem impressos em minha mente; pedem a nossa ajuda para serem libertados da escravidão do mundo contemporâneo. Estas crianças são os jovens de amanhã; como estamos a prepará-las para viverem com dignidade e responsabilidade? Com que esperança elas podem enfrentar o seu presente e o seu futuro?

O *caráter social* da misericórdia exige que não permaneçamos inertes, mas afugentemos a indiferença e a hipocrisia para que os planos e os projetos não se tornem letra morta. Que o Espírito Santo nos ajude a estar sempre prontos a prestar de forma efetiva e desinteressada a nossa contribuição, para que a justiça e uma vida digna não permaneçam meras palavras de circunstância, mas sejam o compromisso concreto de quem pretende testemunhar a presença do Reino de Deus.

20. Somos chamados a fazer crescer uma *cultura de misericórdia*, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos. *As obras de misericórdia são “artesaniais”*: nenhuma delas é cópia da outra; as nossas mãos podem moldá-las de mil modos e, embora seja único o Deus que as inspira e única a “matéria” de que são feitas, ou seja, a própria misericórdia, cada uma adquire uma forma distinta.

Com efeito, as obras de misericórdia tocam toda a vida de uma pessoa. Por isso, temos possibilidade de criar uma verdadeira revolução cultural precisamente a partir da simplicidade de gestos que podem alcançar o corpo e o espírito, isto é, a vida das pessoas. É um compromisso que a comunidade cristã pode assumir, na certeza de que a Palavra do Senhor não cessa de chamá-la para sair da indiferença e do individualismo em que somos tentados a nos fechar levando uma existência cômoda e sem problemas. “Os pobres, sempre os tendes convosco” (Jo 12,8), disse Jesus aos seus discípulos. Não há desculpa que possa justificar a negligência, quando sabemos que ele se identificou com cada um deles.

A cultura da misericórdia forma-se na oração assídua, na abertura dócil à ação do Espírito, na familiaridade com a vida dos Santos e na solidariedade

concreta para com os pobres. É um convite premente para não se equivocar onde é determinante comprometer-se. A tentação de se limitar a fazer a “teoria da misericórdia” é superada à medida que esta se faz vida diária de participação e partilha. Aliás, nunca devemos esquecer as palavras com que o apóstolo Paulo – ao contar o encontro depois da sua conversão com Pedro, Tiago e João – põe em realce um aspeto essencial da sua missão e de toda a vida cristã: “O que nos recomendaram foi somente que nos lembrássemos dos pobres. E isso procurei fazer sempre, com toda a solicitude” (Gl 2,10). Não podemos nos esquecer dos pobres: trata-se de um convite hoje mais atual do que nunca, que se impõe pela sua evidência evangélica.

21. Que a experiência do Jubileu imprima em nós estas palavras do apóstolo Pedro: outrora “os que não eram objeto de misericórdia, agora, porém, alcançaram misericórdia” (1Pd 2,10). Não guardemos ciosamente só para nós tudo o que recebemos; saibamos partilhá-lo com os irmãos atribulados, para que sejam sustentados pela força da misericórdia do Pai. As nossas comunidades abram-se para alcançar a todas as pessoas que vivem no seu território, para que chegue a todas a carícia de Deus através do testemunho dos fiéis.

Este é o tempo da misericórdia. Cada dia da nossa caminhada é marcado pela presença de Deus, que guia os nossos passos com a força da graça que o Espírito infunde no coração para plasmá-lo e torná-lo capaz de amar. *É o tempo da misericórdia* para todos e cada um, para que ninguém possa pensar que é alheio à proximidade de Deus e à força da sua ternura. *É o tempo da misericórdia* para que os que se sentem fracos e indefesos, afastados e sozinhos possam individuar a presença de irmãos e irmãs que os sustentam nas suas necessidades. *É o tempo da misericórdia* para que os pobres sintam pousado sobre si o olhar respeitoso, mas atento daqueles que, vencida a indiferença, descobrem o essencial da vida. *É o tempo da misericórdia* para que cada pecador não se canse de pedir perdão e sentir a mão do Pai, que sempre acolhe e abraça.

À luz do “Jubileu das Pessoas Excluídas Socialmente”, celebrado quando já se iam fechando as Portas da Misericórdia em todas as catedrais e santuários do mundo, intuí que, como mais um sinal concreto deste Ano Santo extraordinário, se deve celebrar em toda a Igreja, na ocorrência do XXXIII Domingo do Tempo Comum, o *Dia Mundial dos Pobres*. Será a mais digna preparação para bem viver a solenidade de nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, que se identificou com os mais pequenos e os pobres e nos há de julgar sobre as obras de misericórdia (Mt 25,31-46). Será um dia que vai ajudar as comunidades e cada batizado a refletir como a pobreza está no âmago do Evangelho e a tomar consciência de que não

poderá haver justiça nem paz social enquanto Lázaro jazer à porta da nossa casa (Lc 16,19-21). Além disso, este dia constituirá uma forma genuína de nova evangelização (Mt 11,5), procurando renovar o rosto da Igreja na sua perene ação de conversão pastoral para ser testemunha da misericórdia.

22. Sobre nós permanecem pousados os olhos misericordiosos da Santa Mãe de Deus. Ela é a primeira que abre a procissão e nos acompanha no testemunho do amor. A Mãe da Misericórdia reúne a todos sob a proteção do seu manto, como quis frequentemente representá-la a arte. Confiemos na sua ajuda materna e sigamos a indicação perene que nos dá de olhar para Jesus, rosto radiante da misericórdia de Deus.

*Dado em Roma, junto de São Pedro, em 20 de novembro –
Solenidade de Cristo Rei –
do Ano do Senhor de 2016, quarto do meu pontificado.*

FRANCISCO

Padre Alfred Kunz, conhecido como Pe. Alfredinho

POSTADO POR JUVENTUDE SÃO PEDRO E SÃO PAULO¹

Pe. Alfredinho nasceu em Berna, Suíça, em 9 de fevereiro de 1920, filho de Frederic e Anna, trabalhadores de uma pedreira. Em 1926, emigraram para a França procurando melhor vida e trabalho.

Aos 11 anos, ele começou a trabalhar em um hotel como cozinheiro. Chegava a trabalhar 15 horas por dia. Em 1935, ingressou na Juventude Operária Católica (JOC) e gostou muito da leitura da Bíblia.

Em 1939, começou a pensar que gostaria de ser sacerdote, mas logo nesse ano teve início a II Guerra Mundial. Seu pai era contrário à sua vontade de ser padre, e então Alfred se alistou como voluntário no exército francês. Combateu os alemães, foi preso e levado para o campo de concentração na Áustria, trabalhando como cozinheiro. No campo de concentração, iniciou um círculo de leitura da Bíblia, junto com outro prisioneiro protestante. Atendiam os doentes e os curavam.

Com 25 anos, entrou para o Seminário, depois de terminada a Guerra, em Fontgombault, França, acompanhado pelos Filhos da Caridade. Em 1954, foi ordenado sacerdote em Paris, e depois foi trabalhar no Canadá, em um bairro de operários.

Desejoso de trabalhar em países mais pobres, em 1968 veio para o Brasil, na cidade de Crateús. Começou a viver com os pobres que eram vítimas do sistema de fazendas daquela região semiárida. O sofrimento que ele mesmo viveu na sua vida, e que partilhou com tantos pobres, o levou a meditar cada

¹ Fonte, sem autor: <<http://juventudespedropaulo.blogspot.com.br/2011/05/padre-alfred-kunz-conhecido-como-pe.html>>

vez mais no Servo Sofredor, figura profética do livro de Isaías. Viveu três anos no bairro da prostituição de Crateús, onde atendia todos os mais pobres.

Em 1977, criou um pequeno grupo que desejava fazer retiros espirituais e crescer na espiritualidade do Servo Sofredor. No tempo da ditadura e repressão dos pobres que chegavam à cidade procurando alimento, animou a campanha de acolhimento com o lema “Fraternidade sim, violência não”. No ano seguinte, com problemas contínuos de saúde, foi viver na favela de Lamartine.

Animado pela Campanha da Fraternidade que procurava acolher os excluídos, em 1995 pediu a bênção do bispo de Santo André e foi viver com os moradores de rua em São Paulo. Um grupo de gente foi se associando a Pe. Alfredinho, formando assim a Irmandade do Servo Sofredor.

Alfredinho aprendeu a ter paciência e esperar, caminhar no ritmo dos pobres. A acolher cada pessoa como é, respeitando totalmente sua individualidade.

Devido à insuficiência cardíaca, morreu em 12 de agosto de 2001.

Frases de Pe. Alfredinho

“Um dia, fui chamado para assistir a uma tuberculosa de 22 anos, em fase terminal, vítima da prostituição. Jamais me esquecerei do seu sorriso depois de ter se confessado, comungado e recebido a Unção dos Enfermos: seu rosto refletia a profunda alegria pela presença de Cristo nela. Quando morreu, 15 dias depois, tiveram que usar a porta do seu barraco para transportá-la ao cemitério. Pouco depois, aluguei aquela casa, em plena zona de prostituição”.

Comenta o seguinte sobre o bairro da prostituição: “Foi aí que eu comecei a partilhar a existência dos pobres. Foi aí também que eu descobri que, para viver com os pobres, é melhor não ter dinheiro. Um dia, Dom Fragoso (bispo) veio almoçar comigo. Eu lhe disse que esse bairro era um santuário e lhe contei as maravilhas das quais eu era testemunha. Foi para mim uma escola extraordinária”.

“Foram as vítimas da prostituição que me ensinaram a viver o Evangelho”. “Aprendi nesta escola do povo do nordeste a viver com poucas coisas e evitar o esbanjamento”.

Testemunhos

“Meu encontro com Alfredinho e a Irmandade me ajudou a descobrir minha mediocridade. Ele me convidou mais de uma vez a deixar a casa

do bispo e ir morar com ele em sua casa, rezar junto com o povo, acolher mais como um pastor bom do que como um administrador, e eu confesso que não tive coragem. Ajudou-me também a simplificar minha vida de bispo e a priorizar os pobres em meu ministério e em minha pastoral. Penso que a mensagem deixada por Alfredinho é, em resumo, a seguinte: amem os pobres, acreditem nos pobres, sejam pobres, acolham a boa-nova que vem dos pobres no seguimento de Jesus de Nazaré, o Bem-Amado (D. Frágoso, bispo de João Pessoa).

“Tenho grande admiração e respeito pelo Padre Alfredinho. Cada informação, cada leitura a respeito dele me encantam. Infelizmente, não o conheci, sequer o vi de longe. Mas, cada vez mais o admiro. Cada leitura, cada informação a respeito dele me encantam e tocam meu coração pela paz que transmite, serenidade, docilidade, pela entrega total e desprendida a Deus e ao sacerdócio, pela profundidade na fé. Para mim, trata-se de um santo dos tempos atuais. Um exemplo para sacerdotes e leigos. Penso que a história e a trajetória dele deveriam ser mais divulgadas. Sempre que posso, falo a respeito dele para as pessoas. Acho triste que a grande maioria não o conheça. Há de chegar o momento da canonização dele. Difícil entender por que ainda não aconteceu” (Marise Dantas Ferreira).

Experiência de Intercongregacionalidade na Missão

COMUNIDADE INTERCONGREGACIONAL NAZARÉ
PORTO PRINCIPE - HAITI
ZENAIDE LAURENTINA MAYER
IRMÃ FRANCISCANA DE SÃO JOSÉ – FSJ

Com apenas cinco meses de convivência na comunidade Intercongregacional, escrevo sobre o caminho que me levou a fazer esta experiência e o que de concreto foi vivido na comunidade e na missão neste período.

Rumo à comunidade

A primeira motivação não foi fazer experiência de Intercongregacionalidade, mas poder colaborar com a situação do Haiti após o terremoto. Era apenas desejo cercado de impossibilidades, devido à missão que estava exercendo e ao fato de a Congregação não ter casa neste país.

O Capítulo Geral da Congregação, em 2013, pensando no modo de celebrar os 150 anos de fundação da Congregação, que será em 28/10/2017, entre outras ações pensou na possibilidade de colaborar com a CRB na missão do Haiti. Quem irá? O Espírito Santo conduzirá! Em 2014, motivos familiares fizeram parte deste discernimento no Espírito Santo! Com a necessidade de proximidade e cuidados para com os pais idosos e enfermos, foi necessário deixar a missão em Campo Grande (MS), e voltar para Santa Catarina, em uma fraternidade próxima à casa paterna. A missão no Haiti estava escrita nas entrelinhas, e foi revelada com a morte dos meus pais tão rapidamente. Simplesmente uma voz se ouviu: Vai para o Haiti! Esta interpelação foi acolhida pela Congregação e pela CRB. Houve uma sequência de contatos com a CRB e a comunidade intercongregacional para a preparação de documentos e do envio.

A Comunidade Intercongregacional como possibilidade de Missão

A CRB propôs a comunidade intercongregacional a partir da necessidade de uma missão específica, interagindo junto às congregações. Com a Intercongregacionalidade, a missão pode assumir um rosto próprio, contando com a riqueza dos diversos carismas e dinâmicas das congregações envolvidas, mas que traz junto o desafio de encontrar um meio de formar comunidade viva capaz de expressar a unidade na diversidade.

E no caminho se apresentam outros fatores a ser enfrentados nesta experiência, como um novo idioma a ser aprendido, a cultura, os costumes, a religiosidade, a realidade social, o clima, entre outros.

A missão acontece com a presença de pessoas consagradas, Irmãs que abraçaram o carisma oferecido pelos(as) seus(as) fundadores(as) que, no discipulado, seguem por caminhos diferentes, mas com a mesma meta, que é a construção do Reino de Deus e sua justiça. Tratando-se de pessoas, estão presentes as estruturas pessoais, sua formação e sua realidade biopsicossocioespiritual, como instrumento fundamental para a vida da comunidade.

Os Carismas

Cada Irmã na comunidade reflete seu carisma com o jeito de ser, expressando-o em momentos fortes de oração e momentos de confraternização.

Sou Franciscana de São José, que tem como carisma a Misericórdia, e nestes meses tive a graça de compartilhar dos carismas: Irmãs Servas da Santíssima Trindade, que vivem a glorificação da trindade na pessoa humana; Irmãs Carmelitas da Divina Providência, que buscam servir a Deus e aos enfermos; Irmãs Franciscanas da Providência de Deus, que na confiança buscam servir os mais pobres; Missionárias de Jesus Crucificado, que vão em busca dos mais necessitados nos lugares mais difíceis; Irmãs da Companhia Santa Tereza de Jesus, que se fazem instrumentos, como os pés e o coração de Jesus, a serviço dos pobres; Irmãs Pias Mestras Venerine, que trabalham preferencialmente no ramo da educação, servindo as mulheres; e bem recente a presença das Irmãs Franciscanas de Cristo Rei, que proclamam que Jesus Cristo é o Senhor do Universo. A partir da inspiração própria de cada uma, centraliza-se na pessoa de Jesus Cristo a luta pela vida junto a esse povo sofrido que, devido ao descaso, sofre muito e realmente passa fome, mas que canta, dança, resiste!

O impacto da nova realidade

Realidade expressivamente diferente onde se vive acentuada dificuldade em entender, escutar e falar a língua do povo. A convivência na comunidade com Irmãs já experientes e que falam o Kreyòl, língua do povo, e a possibilidade de frequentar aulas com professor e toda a vontade e disposição em ter uma comunicação efetiva, vão aos poucos ajudando a superar esse limite. É preciso exercício de pequenez em deixar-se ajudar e corrigir para integrar uma nova fala.

A realidade social também mexe muito com a estrutura pessoal de quem chega. É o país mais pobre das Américas, o que se reflete na economia familiar. A moradia na sua maioria é precária, sem água encanada, sem energia, pouca geração de renda e pouca comida. A energia que a maioria dos pobres usa para cozinhar é o carvão, e isso numa terra onde quase não chove e tem pouca vegetação. O comércio é na sua maioria informal, pessoas ambulantes carregam suas mercadorias na cabeça ou se estabelecem ao longo das ruas, especialmente as mulheres, compartilhando o espaço com muito lixo, para vender seus produtos. Mas é um povo que faz milagre com baldes de água, deixando suas casas limpas, suas roupas muito brancas, seus cabelos enfeitados. A alegria está estampada no rosto, demonstrando firmeza na sua cultura, costumes e religiosidade. E na incapacidade de entender esta realidade, desperta, em quem chega, indignação e sofrimento junto com o povo pobre. E por parte do povo desfruta-se da acolhida e do carinho para com seus missionários.

A Vida Comunitária intercongregacional

A comunidade é fundamental para a vida da missão e é construída na partilha do que é singular de cada Irmã. Além do aspecto dos diferentes carismas e diferentes congregações, fazem parte as diferenças provinidas das diversas regiões, com seus gostos, modos e costumes que refletem na organização da casa, na alimentação, no modo de rezar, de estudar, de dinamizar os retiros, de planejar os trabalhos da missão, entre outros. É preciso abertura para experimentar o diferente que a outra apresenta e ter capacidade de partilhar os dons e conhecimentos na gratuidade, como oportunidade de crescimento e fonte de riqueza.

A comunidade também é rotativa, o que exige exercício contínuo de readaptação. É exigente a necessidade de desapego às que deixam a missão; pode ser um processo sofrido para a comunidade o rompimento de

vínculos e a necessidade de integrar outra pessoa. A paciência e a sensibilidade são importantes nos momentos de transição e de formação da uma nova comunidade. Isso garante uma missão efetiva.

Somam-se aos dois pontos anteriores as diferenças de personalidade e a estrutura individual. As relações interpessoais resultam do que é pessoal, e dão colorido e intensidade à vida comunitária. O jeito de ser e se expressar, o modo de se envolver, a atenção e o respeito para com a outra, a sensibilidade nas pequenas coisas, a capacidade criativa e de partilha, bem como a abertura e acolhida das diferenças, são fundamentais na comunidade missionária. É preciso conhecer e ter consciência dos próprios desejos e necessidades, que podem ajudar ou prejudicar as relações interpessoais e a vida da comunidade. O autoconhecimento possibilita a construção de uma comunidade e missão com um rosto único, onde os traços de cada uma refletem a mesma alegria, o mesmo brilho, o mesmo amor e Misericórdia, atitudes centradas no jeito de ser e viver de nosso Mestre e Senhor, Jesus Cristo, pois a missão não é nossa, é do Pai.

Para finalizar o relato desta experiência, expresso o quanto é bom participar de uma comunidade intercongregacional, onde cada Irmã se coloca com suas qualidades e limites inerentes à pessoa humana, com desejo de superação, focada na missão, tendo como fonte a força dos carismas que se juntam na construção do Reino de Deus a serviço dos mais pobres.

Comunicar a misericórdia uma forma de humanizar o mundo

V ENCONTRO INTERNACIONAL DE REVISTAS DE VIDA CONSAGRADA

Durante o V Encontro Internacional de Revistas de Vida Consagrada, celebrado em Brasília, de 26 a 28 de outubro de 2016, os participantes temos constatado a riqueza e a variedade das publicações que apresentam em comum o serviço da comunicação, informação e formação na Igreja, particularmente da Vida Consagrada e leigos(as) e/ou colaboradores(as) das Congregações. Agradecemos pelas contribuições de todos aqueles e aquelas que organizaram, convocaram e desenvolveram este Encontro, assim como a todos os 27 participantes de seis países e representantes de revistas brasileiras por sua presença e contribuição.

Tivemos a oportunidade de visualizar o rosto de quem está nos bastidores de cada publicação. Tratamos da importância do trabalho editorial e identificamos as dificuldades e realizações que hoje vive cada revista.

Constatamos a complexidade e os desafios que hoje nos coloca a sociedade e seus modelos. Embora seja verdade que estamos em uma sociedade do imediatismo, das novas plataformas e meios de comunicação, sentimo-nos convidados a continuar trabalhando na animação, acompanhamento e edição de conteúdos que cheguem aos religiosos e religiosas do mundo. Somos um meio a partir do qual podemos ecoar a voz de Deus através da variedade de publicações que enriquecem o elenco de possibilidades, afinidades, interesses e gostos dos agentes finais, que são os nossos leitores e leitoras.

Sentimos que a reflexão, a escuta e o discernimento por onde devemos caminhar, a quem queremos chegar, o que queremos comunicar e como queremos publicar ou editar uma revista ou número são perguntas que constantemente temos de nos fazer. Ter ouvidos dispostos a escutar e olhos abertos para olhar a realidade que nos envolve são duas atitudes que hoje, mais do que nunca, temos de despertar ou revitalizar.

É significativa cada uma das publicações, e seu conteúdo responde a uma tradição e a um legado, e cada uma é parte do patrimônio da Vida Consagrada. Nossas publicações devem ser fonte de vida e esperança em meio às adversidades. Sempre teremos algo a dizer e algo a comunicar. Nossa contribuição é água viva para uma Vida Consagrada, um oásis de misericórdia para a humanidade que partilha e se enriquece com a presença de homens e mulheres, religiosos e religiosas que, sob a ação do Espírito, são um dom para a Igreja a partir de sua missão e carisma lá onde a vida clama.

Hoje são muitos os desafios. O principal é crer no que fazemos. Ser humildes, generosos e competentes é um trabalho que nos une e nos desafia a sair de nossas fronteiras e ir ao encontro das periferias, deixar a autorreferencialidade e acolher as novas iniciativas ou experiências que podem enriquecer o trabalho editorial.

Somos uma voz que deve ser profética em suas propostas, em seus conteúdos, em suas imagens, em seus objetivos. Devemos ser uma voz mística que possa contagiar a vida de alegria, de ternura e misericórdia de Deus e seu projeto do Reino. Somos uma luz de esperança para um mundo que vive e sobrevive nas trevas da desumanização, indiferença, pobreza e demais expressões de morte em nossos países. Estamos chamados a viver com paixão ao serviço de transmitir a Boa-Nova da misericórdia de Deus como uma forma de humanizar o mundo.

Temos tido um espaço de discernimento no qual visualizamos a importância de retomar o horizonte, identidade, objetivo e temas que deverão ser tratados e desenvolvidos durante o próximo Encontro. Um segundo grupo de Revistas locais, com temáticas e linhas editoriais comuns, também tiveram a oportunidade de partilhar e avaliar seu trabalho e participação no V Encontro.

Brasília, 28 de outubro de 2016.

Repensar a opção preferencial pelos pobres

VÍCTOR CODINA¹ SJ

Introdução

A partir do Vaticano II e mais concretamente a partir de Medellín, a Vida Religiosa Consagrada (VRC), sobretudo a VRC latino-americana, entende o voto de pobreza religiosa não somente como pobreza espiritual, não somente como uma vida simples e austera, não somente como uma partilha de bens, não somente como uma dependência dos superiores nos gastos, mas como uma opção pelos pobres, uma opção não exclusiva, mas preferencial e evangélica. Esta opção pelos pobres (OPP) é parte intrínseca da missão da VRC hoje.

Esta OPP é algo irrenunciável (1), porém antes surgem diversas questões (2) de modo que é necessário repensar de novo esta OPP hoje (3).

1. A opção pelos pobres é algo irrenunciável

A OPP não é algo sociopolítico, nem ideológico, mas profundamente bíblico, evangélico. Teríamos de percorrer toda a Escritura para assinalar que esta OPP faz parte da revelação, é algo característico da história da

1 (Barcelona, 1931) é jesuíta, licenciado em filosofia e letras (Barcelona), e em teologia (Innsbruck); doutor em teologia (Roma), foi professor de teologia na Espanha (Barcelona), mas desde 1982 reside na Bolívia, onde ensinou teologia na Universidade Católica Boliviana de Cochabamba e realizou trabalhos de pastoral popular, formação de leigos, CLAR etc. Atualmente é professor emérito. Entre suas últimas publicações, destacam-se: *Uma Iglesia Nazarena*, Santander, 2010, *Diario de un teólogo del posconcilio*, Bogotá, 2013, e *Diosito nos acompaña siempre*, Cochabamba 2013. **Endereço do autor:** Pasaje Escudano 101, Cochabamba, Bolívia. **Endereço postal:** Casilla 2175 – Cochabamba, Bolívia. **E-mail:** victorcodinasj@gmail.com.

salvação; seu fundamento último não é antropológico (a bondade dos pobres), mas estritamente teológico: a bondade e a misericórdia de Deus, que se comove profundamente em suas entranhas ao ver a miséria humana, ao ver as lágrimas dos pobres.

Basta que citeamos alguns textos-chave. Deus se comove ao escutar o clamor do povo escravizado no Egito e chama Moisés para que o ajude a libertar o povo (Ex 3,1-10). Os profetas continuamente criticam o luxo dos ricos que oprimem os pobres e chamam à prática do direito e da justiça (Am 6,1-7; Is 6,1-3). Deus é o *goel*,² o protetor do pobre.

Nos evangelhos, a OPP é um tema central da pregação e da práxis de Jesus, que em Nazaré lança seu programa messiânico unido aos profetas: “ungido pelo Espírito para levar a boa-nova aos pobres, anunciar a liberdade aos cativos, dar visão aos cegos, libertar os oprimidos e anunciar a graça e a misericórdia do Senhor” (Lc 4,14-21). Este é o sinal que Jesus oferece aos enviados de João Batista para saber se Jesus é o Messias que haveria de vir: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos despertam e uma boa-nova chega aos pobres (Lc 7,22). Estes pobres, por quem Jesus se comove e com quem se identifica, serão nossos juízes no juízo final (Mt 25,31-45).

A opção pelos pobres tem sido uma constante na Igreja desde a práxis da Igreja primitiva de Jerusalém (At 2,42-47; 4,32-37) até nossos dias, passando pelos Santos Padres da Igreja, os mendicantes, Vicente de Paulo, Madre Teresa de Calcutá...

Esta sensibilidade para com os pobres e para uma Igreja pobre e dos pobres foi renovada por João XXIII e, embora no Concílio Vaticano II, principalmente liderado por bispos e teólogos do primeiro mundo, apenas aflorou (LG, n. 8 e GS, n. 1), no entanto sua teologia dos sinais dos tempos (GS, n. 4; 11; 44) possibilitou que em Medellín (1968) e Puebla (1979) aflorasse a sensibilidade para o clamor dos pobres e a opção preferencial por eles (DPb, n. 1134-1165). Em seu belo e profundo texto, Puebla convida a reconhecer o rosto de Cristo sofrente nas crianças, jovens, indígenas e afroamericanos, camponeses, trabalhadores, marginalizados e anciãos, vítimas da pobreza (DPb, n. 31-39).

Aparecida segue na mesma linha, cita as palavras de Bento XVI que afirmou que a opção pelos pobres está implícita em nossa fé cristológica e acrescenta que “tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com

2 Em hebraico significa: o parente mais próximo que, na falta do pai, deve assumir a família. (https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=goel). Acesso em 23/11/2016.

os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo” (DAP, n. 393).

Toda esta experiência e sensibilidade para os pobres está na base da reflexão teológica latino-americana, a teologia da libertação, uma das correntes teológicas mais significativas do século XX, nas palavras do atual Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, Gerhard Ludwig Müller.³

A teologia da libertação tem desenvolvido amplamente a OPP: em um contexto, não de vida, mas de morte (*Sitz im Tode*) e movida pelo princípio misericórdia, a teologia convida a assumir o comando da realidade, lidar com a realidade e assumir a realidade, para descer da cruz os crucificados da história. É preciso escutar o clamor das vítimas, por meio das quais Deus se revela, para libertar o povo de toda opressão.

A teologia da libertação tem desenvolvido sobretudo uma Cristologia a partir da base, do seguimento de Jesus histórico de Nazaré e tem aprofundado o conceito do Reino, que não é simplesmente satisfação de qualquer necessidade, mas opção pelos pobres, um Reino conflitivo frente ao anti-Reino, aquele que levou Jesus à cruz.

A partir dos anos 70–80, tem surgido na América Latina uma nova imagem da Igreja pobre e dos pobres, um cristianismo militante e político, as comunidades de base, uma leitura bíblica a partir do povo, uma VRC inserida entre os pobres, alguns bispos verdadeiros Santos Padres da Igreja dos pobres (Hélder Câmara, Proaño, Méndez Arceo, Samuel Ruiz, Lorscheider, Luciano Mendes de Almeida, Arns, Casaldáliga), alguns deles mártires (Romero, Angelelli, Gerardi), junto a inumeráveis camponeses, mulheres, crianças, religiosas e religiosos, sacerdotes, todos eles vítimas de uma fé comprometida com a justiça, vítimas da OPP.

Porém, esta OPP que floresceu na América Latina tem sido assumida pela Igreja universal, sobretudo desde João Paulo II, por exemplo em *Ante el tercer milênio*, número 51, e por numerosas intervenções do Papa Francisco, que, por ser latino-americano, sintoniza plenamente com a OPP (por exemplo, em *A Alegria do Evangelho*, n. 197–201).

Resumindo a OPP, pobres hoje não somente explorados, mas descartados como lixo e massa sobranante é algo irrenunciável na fé e na vida cristã, conseqüentemente também na missão da VR.

3 GUTIÉRREZ, G.; MÜLLER, G. L. *Del lado de los pobres. Teología de La Liberación*. Madrid, 2013, p. 29.

36 2. Algumas perguntas e dúvidas

No entanto, por que muitos jovens de hoje, inclusive na VRC, se apaixonam pouco por esta problemática típica dos anos 70-80? Por que as comunidades de base estão hoje em crise? Por que há quem diga que a teologia da libertação já está morta?⁴ Por que muitos cristãos da libertação e a própria VRC inserida entre os pobres se sentem muitas vezes cansados e desiludidos, pois, como os discípulos de Emaús, esperavam outra coisa? Por que o êxito dos movimentos carismáticos e pentecostais? Por que muitas vezes os mais pobres entre os pobres não frequentam as comunidades de base, mas vão aos grupos pentecostais? É por que estes grupos de jovens, de VRC, de pobres estão movidos pelo espírito maligno e abandonam o Evangelho? Ou será que os tempos mudaram e há novos sinais dos tempos?

A OPP não implica uma certa distância entre nós – que não somos pobres – e os pobres? Os pobres são somente objeto de nossa opção e da misericórdia?

É inegável que, no mundo atual, moderno e sobretudo pós-moderno, há uma crise ante os “grandes relatos” e se preferem os pequenos relatos do cotidiano. Há também uma crise do cristianismo militante, típico dos anos 70-80.

Um texto longo, porém denso, realista e lúcido do antropólogo e teólogo guatemalteco, jesuíta Carlos Cabarrús pode nos iluminar nesta nova situação:

Aos que vivemos nestas latitudes (de América Latina), em épocas não muito remotas, têm-nos caído muitos sonhos, morreram projetos, desmoronaram idealizações, muita gente tem-se perdido – e das mais valiosas – devido a todas essas utopias que quisemos realizar. Equivocamo-nos em muitas análises que acreditávamos corretas. É preciso reconhecer que eram fechadas, muitas vezes apoiadas não em dados científicos, mas em simples anseios. Satanizamos em muitas ocasiões os que “não estavam conosco”; de alguma maneira também idealizamos o povo, o ideologizamos, excluimos os(as) pecadores(as) de serem também eles/elas principais destinatários de Jesus e do Reino.

Tudo isso nos fez gerar uma espiritualidade concentrada somente nisso: mudar estruturas, porém negligenciar o trabalho pessoal complicado da transformação do coração humano. De alguma maneira revivemos um certo pelagianismo:⁵ conquistávamos tudo com a vontade, com a organização, com a força. Não reconhecíamos espaços autônomos entre a fé e a justiça; vivemos a aparente síntese entre estes dois elementos como algo que se conquistava, não como algo que se recebe e celebra. Esquecemos em tudo isto a festa, a alegria, o saber descansar. Geramos

4 Gustavo Gutiérrez suele decir en broma que, en todo, caso a él, que es su padre, no le han invitado al entierro...

5 Doutrina de convicção dos *pelagianos*, segundo a qual o homem era totalmente responsável por sua própria salvação e que minimizava o papel da graça divina. (https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=pelagianismo). Acesso em 23/11/2016.

um espírito de espartanos que tendia a nos queimar; não demos espaços vitais à oração pessoal e séria. Esquecemos, na prática, o discernimento, não aprendemos a nos trabalhar em nível pessoal, não nos demos a tarefa de aprender a viver mais em “caravanas”, fizemos o exercício de discutir falácias e mentiras.

Isto não quer dizer que não se tenha consolidado nada sério no que se refere ao compromisso, ou que não se tenham feito conquistas históricas reais. No âmbito da consciência tem-se avançado a respeito da formulação de direitos humanos, da humanidade também.⁶

O que fazer, pois, com a OPP e com a missão da VRC? Precisamos considerá-la superada nesta nova época que vivemos? Ou necessitamos de uma nova abordagem e uma nova reflexão para repensar este tema?

3. Nova abordagem para a questão da opção pelos pobres

Não se trata de eliminar a OPP, porém tampouco deixar de ouvir estas questões. A OPP deve ser incluída (*Aufhebung*) a partir de outros paradigmas.

O paradigma do Êxodo deve completar-se com a teologia do exílio e pós-exílio, quando o povo de Israel se abre a outras culturas e religiões, se abre ao mistério de Deus criador do mundo e dos povos. O profetismo deve incluir não somente a façanha de Elias matando os 450 sacerdotes de Baal (1Rs 18, 20-40), mas o Elias que descobre Deus no sussurro de uma brisa suave (1Rs 19,12-13) e enquanto ele reza de joelhos, envia sete vezes seu servo subir ao monte Carmelo para ver se há sinais de chuva (1Rs 18,42-44).

É preciso abrir-se aos sapienciais, ao ceticismo saudável de Qohelet (Eclesiastes) e ao mistério da Sabedoria que governa o mundo, é preciso incorporar as vozes das mulheres e a sensualidade do Cântico dos Cânticos, a alegria, a festa e a gratuidade. Também é preciso assumir a profecia de Daniel e a fé na ressurreição dos mortos dos livros de Macabeus.

A teologia da libertação, frente ao Primeiro Iluminismo racional e do progresso do Primeiro Mundo (Kant) se abriu ao Segundo Iluminismo da justiça e dos pobres (Marx), porém agora deve dialogar com o chamado Terceiro Iluminismo dos diferentes (Ricoeur, Lévinas, Eleazar López, Rigoberta Anchú), quer dizer, com as diferentes culturas, sexos, religiões, com a terra...

A teologia da libertação tem desenvolvido amplamente a Cristologia de Jesus histórico e do Reino, porém não tem desenvolvido até agora igualmente a Pneumatologia, sem a qual a Cristologia fica manca. Paralelamente

6 CABARRÚS, C. *Cuadernos de Bitácora para acompañar a caminantes*, 3 ed. Bilbao, 2001, p. 21.

a esta falta de Pneumatologia há um déficit de escatologia. Compreende-se que para reagir frente aos mestres da suspeita (Marx, Nietzsche, Freud), que consideram que a religião e o céu são ópio, ilusão e alienação, a teologia da libertação tenha desenvolvido o histórico e o político da fé, o compromisso pelo Reino, o “já sim” da salvação, com o risco de deixar bem em segundo lugar o “ainda não”, com o risco de cair em milenarismo⁷ e uma certa forma de palagianismo. A partir daí, rupturas e desilusões pessoais ao ver que não tem chegado o Reino e que as utopias históricas sonhadas foram caindo. Onde está a força histórica dos pobres?

Porém, acrescentamos a tudo isso que a teologia latino-americana da libertação mais conhecida (G. Gutiérrez, H. Assmann, Juan L. Segundo, L. Boff, J. Sobrino, I. Ellacuría, P. Richard, E. Dussel, J.B. Libânio, Frei Betto, C. Mesters, J. Comblin, P. Trigo, Ivone Gebara, Elsa Tamez, Maria Clara Bingemer, Vilma Moreira) pode enriquecer-se com a teologia da libertação argentina, menos conhecida (Lucio Gera, C. M. Galli, Rafael Tello, J. Allende J. O'Farrell, Juan C. Scannone, J. Seibold, Virginia R. Azcu) que insiste sobretudo no tema do povo e o pobre como sujeito com grande riqueza humana, cultural, religiosa e espiritual, com a valorização da religiosidade popular como verdadeiro lugar teológico. Desta corrente argentina participava J. M. Bergoglio e participa hoje Francisco, como aparece em seu escrito *A Alegria do Evangelho*.

Tudo isso tem grande importância para a missão da VRC de hoje, que precisa optar pelos pobres e excluídos, em defesa da vida ameaçada e da justiça, porém aberta às culturas, religiões e valores espirituais dos pobres, que têm rosto, sexo, cultura, religião e espiritualidade, pois a eles foram revelados os mistérios do Reino (Lc 10,21-22). E esta OPP exige uma vida simples, ecológica e austera, alternativa ao paradigma tecnocrático dominante, não pretendendo ser “a voz dos sem voz”, pois o povo já tem voz.

E isto em uma VRC que não tenha traços davídicos, mas nazarenos, que se deixe mover pelo Espírito do Senhor que atua a partir da base e em favor da vida, a partir do Espírito que atuava no caos primordial da criação. E sempre em caminho até uma escatologia que esperamos enquanto somos peregrinos na terra: “já sim, porém ainda não”.

Precisamos trabalhar pelo Reino e sua justiça, porém sabendo que a vinda do Reino é graça e dom do Espírito que devemos pedir cada dia: “venha a nós o teu Reino, venha a nós o teu Espírito”.

7 Crença de que a segunda vinda de Cristo à Terra se daria no ano 1000 e então se iniciaria o *milênio* (o reino de Deus na Terra), que duraria mil anos. (https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=milenarismo). Acesso em 23/11/2016.

Epílogo narrativo

Faz alguns meses faleceu em Cochabamba (Bolívia) o Irmão Patrício, um irmão francês, membro da fraternidade dos Irmãozinhos do Evangelho, da espiritualidade de Carlos de Foucauld. Havia estado longos anos no Irã, porém desde muito tempo vivia em Cochabamba e ganhava a vida fabricando com seus Irmãos iogurte que depois vendia em um mercado muito popular.

Em uma espécie de diário, *Dios en el mercado*, ia anotando suas experiências, entre outras, o encontro frequente com o jovem Marquito, com necessidades especiais, que apenas sabia ler e que o ajudava no mercado. Marquito sempre partilhava com Patrício a comida e doces que lhe davam, e quando Patrício lhe perguntou por que fazia isso e quem o havia ensinado, Marquito fechou os olhos e colocando a mão no coração, disse: “Diosito”. Desde então Patrício dizia que Marquito era seu professor.

A morte súbita do Irmão Patrício afetou profundamente o povo, seus vizinhos e sobretudo as pessoas do mercado. Seu velório, funeral e enterro foram uma verdadeira manifestação de luto popular. Na eucaristia pascal de despedida, as pessoas massivamente acudiam, vestidas de preto, com velas e lágrimas. Eu seu posto do mercado foi construído um altar com sua fotografia, flores e velas.

Patrício optou sem dúvida pelos pobres. Certamente não mudou as estruturas, tampouco desceu os crucificados da cruz, porém entrou no povo, fez-se irmão entre seus irmãos e sua vida foi uma pequena parábola do Reino de Deus: “O Reino de Deus é como um Irmão francês que deixou sua pátria e sua cultura para ir viver a vida entre os pobres e vender iogurte no mercado”...

Para refletir

1. O que fazer, pois, com a OPP e com a missão da VR? Precisamos considerá-la superada nesta nova época em que vivemos? Ou necessitamos de uma nova abordagem e uma nova reflexão para repensar este tema?
2. Segundo o autor, como é a nova abordagem para a questão da opção pelos pobres?
3. Recorde religiosas e religiosos que deram ou dão testemunho de opção preferencial pelos pobres.

Justiça, paz e integridade da criação e a vida religiosa

PE. RONALDO MAZULA, CMF¹

Neste início de milênio, a humanidade tem convivido com grandes inovações, criações e novas possibilidades que confirmam um grande desenvolvimento técnico e científico. Novas tecnologias que ajudam na melhoria da vida humana e na busca de novas energias e progressos. Mas, vemos também que o progresso não traz benefícios para toda a humanidade e que vivemos uma espécie de um “grande oceano de misérias com algumas ilhas de prosperidade”.

Nos últimos anos, o Papa Francisco tem convidado a humanidade a repensar as suas relações e a construir uma sociedade mais justa e fraterna. Seja em seus grandes escritos, como a *Evangelii Gaudium*, a *Laudato Si'* e a *Amoris Laetitia*, seja nos seus pronunciamentos e gestos, suas palavras têm forte apelo e acolhida. Francisco convida, de modo especial, a todos os batizados a recuperar e a renovar o essencial da vida cristã para ajudar na construção de um mundo que seja sinal do Reino de Deus. Convida todos a sermos agentes e defensores da vida digna para todos, sem exceção, com ações de justiça, paz e cuidado da obra criada, a nossa “casa comum”.

No ano de 2015, o mundo católico e grande parte do mundo contemporâneo foi agraciado com a encíclica *Laudato Si'* escrita pelo Papa Francisco. Um dos documentos papais mais interessantes e oportunos das últimas décadas, que convida toda a humanidade a “cuidar da Casa Comum”.

Este escrito pontifício foi ovacionado e acolhido pelos ambientalistas, ecologistas e movimentos que há décadas lutam pela “Integridade da Criação” e desejam uma transformação global a respeito da relação humana

1 Missionário Claretiano.

com a Mãe Natureza. Por outro lado, houve também aqueles que rejeitaram este documento, de modo especial, aqueles que são os predadores da Mãe Natureza e optam por uma economia e processo industrialização e estilo de vida incompatíveis com o respeito à vida humana e planetária.

Diante disso, creio ser oportuno fazer algumas perguntas a cada consagrada e consagrado. Como anda a sua relação com a natureza e o meio ambiente? Como você está cuidando da Casa Comum? Como você ajuda a promover uma sociedade em qual a justiça, a paz e a integridade da criação sejam valores presentes e assumidos por todos? Você trabalha numa linha de “manutenção”, “acomodação”, “assistencialismo” ou a partir de processos de transformação que promovam a justiça e paz para todos?

Apresentarei um breve quadro com tópicos de uma contextualização dos principais temas e reflexões atuais que nos convidam a perceber e acolher os apelos ou interpelações de Deus no mundo atual. Depois, uma breve síntese da *Laudato Si'* e, ao final, algumas humildes propostas para que a Vida Religiosa Consagrada possa colaborar no cuidado da Casa Comum e seguir lutando pela justiça e paz.

1. Apelos e Interpelações de Deus no mundo atual

Os bispos brasileiros, nas **DGAE, 2015–2019, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**, falando do contexto atual, afirmam que estamos vivendo uma época de transformações profundas. Não se trata apenas de uma “época de mudanças”, mas de uma “mudança de época”. São tempos nos quais se constata avanços e conquistas, no mundo das ciências e da técnica, que proporcionam conforto e bem-estar. Constatam-se também avanços em vários âmbitos da sociedade: a promoção da mulher; a valorização das minorias étnicas; o destaque à justiça, à paz e à ecologia; a consciência da importância dos movimentos sociais e dos direitos à educação e saúde; as iniciativas para a superação da miséria e da fome (n. 19).

Por outro lado, mais à frente, no n. 20, afirmam também que a sociedade contemporânea vive “sob o imperativo da racionalização técnico-científica, voltada para a produtividade, o consumo e o lucro, que representam, muitas vezes, hipotecas pesadas para a natureza e as futuras gerações”.

No n. 22, nossos bispos afirmam com coragem que os pobres são considerados *supérfluos e descartáveis*, “resíduos e sobras”. *Preocupa-nos o avanço de empreendimentos imobiliários, agropecuários e de mineração sobre os territórios dos povos indígenas, quilombolas e pescadores artesanais, gerando processos que ameaçam a sobrevivência desses povos e causam degradação ambiental. Ficam assim*

comprometidos o cuidado pela vida, o equilíbrio social, a preservação da natureza, o acesso à terra para trabalho e renda, entre outros fatores. Trata-se de uma economia caracterizada pela “negação da primazia do ser humano”, e, por isso, pela exclusão e pela desigualdade social, geradora de uma cultura de bem-estar e do descartável e uma globalização da indiferença.

Este quadro nos incentiva e alenta a seguir trabalhando nas opções por justiça, paz e integridade da criação, mas também preocupa-nos diante das situações de incertezas e mudanças de valores e ausência de referenciais sólidos para a construção de um mundo mais justo e fraterno, onde a paz e o amor sejam os imperativos maiores.

Neste momento difícil e de tantos problemas, são muitas as instituições e pessoas que fazem uma leitura da realidade e nos oferecem propostas concretas para uma ação evangelizadora e social que ajude na construção do Reino de Deus, Reino de justiça e paz, a começar pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium, Laudato Si’, Amoris Laetitia* e tantos pronunciamentos e testemunhos seus. As Conferências Episcopais e também as Conferências de Religiosos. E muitas congregações e ordens religiosas em seus capítulos e reuniões locais, regionais e mundiais etc.

Apresentarei agora uma síntese do que foi tratado no XXV Capítulo Geral dos Missionários Claretianos, ocorrido em agosto-setembro de 2015, quando tratou das *Interpelações de Deus no nosso tempo*, no primeiro capítulo do documento ***Missionari Sumus***.

1. O grito da mãe terra (6-8): perda da biodiversidade, deterioração da qualidade de vida, degradação social, iniquidade planetária. Promover uma ecologia integral. “Conversão ecológica”. *Esta situação nos interpela a entrar em um processo de “conversão ecológica” que redefina nossa missão e estilos de vida* (LS, n. 216-232). *Como traduzir em nossas pessoas e comunidades o chamado da Igreja para combater a lógica da violência, o consumo exacerbado, o egoísmo?* (LS, n. 230). *Como cultivar as atitudes do coração que permitam viver com sobriedade e simplicidade, com uma alegria profunda, sem ser obsessivos pelo consumo? A paixão pela vida pertence ao íntimo de nossa vocação: contribuamos para que a humanidade não fraude as expectativas divinas.*

2. O clamor dos pobres e pela justiça (9-10): grito dos pobres. Denunciar a idolatria do dinheiro e do mercado e impulsionar a inclusão social dos pobres, a paz, a justiça, o diálogo. *Perguntamo-nos em que medida nós também participamos desse imediatismo egoísta que está arrasando o mundo e nos sentimos chamados a denunciar a idolatria do dinheiro e o mercado e a impulsionar a inclusão social dos pobres, o diálogo, a paz, a justiça e a defesa da integridade da*

Criação (JPIC). Unidos a Deus, queremos ouvir este clamor e responder a ele com todas as nossas forças (EG, n. 187-192), cooperar com a ação libertadora do Espírito e identificarmo-nos com o Cristo feito pobre e sempre próximo dos pobres e excluídos (EG, n. 178, 186). Não se trata só de incentivar pequenos gestos para pessoas concretas, e sim de nos empenhar com caridade e compaixão na instauração do Reino, em sua chegada a todas as dimensões da vida de todas as pessoas, de todos os âmbitos da convivência social de todos os povos.

3. O sonho da paz e a reconciliação (11-13): desejos de unidade. A violência afeta os povos. Muitos trabalham pela paz. Nossa vida e missão como diálogo profético e expressão de compaixão. *Sentimo-nos chamados a configurar nossa vida e missão como diálogo profético (interconfessional, interreligioso, político) e expressão de compaixão. E, a partir daí, favorecer o que une, reconcilia e pacífica, derrubar os muros que separam, apoiar os que trabalham pela paz e a reconciliação, sejam do credo ou mentalidade que sejam. O dom da cordialidade nos ajudará muito nisto.*

4. O sentido da vida e seu cuidado (14-16): culturas promotoras de vida e culturas difusoras de morte. Deus perdeu significado para muitos. Descobrir e ativar em nós os dons do Espírito, a partilhar a alegria do Evangelho, a praticar as obras de misericórdia, testemunhas de esperança... *Nós nos sentimos chamados a descobrir e ativar em nós os dons do Espírito, a partilhar a alegria e a bem-aventurança do Evangelho, a colocar em prática as obras de misericórdia corporais e espirituais (MV, n. 15) e a expressar nossa cordialidade no encontro com cada pessoa (EG, n. 127) e no cuidado dos mais frágeis (EG, n. 2019-216), a ser pessoalmente e como comunidade, testemunhas críveis de esperança no Deus que nunca quer se esconder, a “viver em misericórdia” e potenciar o anúncio alegre do perdão e o valor revolucionário da ternura e do carinho.*

5. O novo continente digital e tecnológico (17-18): novas tecnologias e internet revolucionam o mundo. Multiplicam formas de manipulação e controle. Fazer-se presente neste ‘novo continente’. *Nós nos sentimos chamados a escutar os sinais de Deus no mundo digital, a partilhar nossa experiência do Evangelho com novos códigos comunicativos e a combater os vírus da manipulação, superficialidade e despersonalização. Que revoluções teriam incentivado nossos fundadores se tivessem contado com as possibilidades que oferecem hoje estas tecnologias!*

6. Uma Igreja em saída (19-20): para as periferias humanas. Chamados a abandonar nossas zonas de conforto e nossa excessiva preocupação conosco mesmos, superando a mundanidade e acídia... *Assim, nos sentimos chamados a abandonar nossas zonas de conforto e nossa excessiva preocupação*

conosco mesmos (EG, n. 2, 27), a impulsionar a disposição da Igreja “em estado permanente de missão” (EG, n. 25), a potenciar nela nossa “saída missionária” segundo o nosso carisma evangelizador, a superar qualquer tipo de acídia ou mundanidade, e a crescer em disponibilidade missionária, inculturação, encarnação e abertura à missão mundial da Igreja e da Congregação.

7. No povo de muitos rostos e carismas (21-22): consciência de que o anúncio do Evangelho é tarefa de todo o povo de Deus. Ser agentes de uma eclesiologia de comunhão-missão... Desde o dom vocacional missionário recebido, nos sentimos interpelados a ser agentes ativos de uma eclesiologia de comunhão-missão na qual mulheres e homens participem e ninguém seja excluído, e a colaborar na criação e consolidação de comunidades cristãs plenas de vida e da alegria do Evangelho.

8. A sedução do Espírito (23-24): tempo de busca e ânsia de uma espiritualidade integradora e não dualista, pela sedução de múltiplas idolatrias. Crescer num caminho sério de espiritualidade. Testemunhas alegres da primazia absoluta de Deus e de seu Reino. Esta interpelação nos leva a crescer num profundo caminho de espiritualidade – pessoal e comunitária – no qual o Espírito seja sempre nosso guia e inspirador e um autêntico discernimento espiritual oriente e acompanhe cada um de nossos passos. Conscientes de nossas limitações e pecados, sentimos como dirigido a nós o convite da Igreja aos consagrados para ser testemunhas alegres da primazia absoluta de Deus e de seu Reino.

9. A graça de ser comunidade missionária (25-27): “Como é bela a vida entre os irmãos” (Sl 133). Passar da preeminência do “eu” para a primazia do “nós”. Promover a beleza da comunidade... Por isso, nos sentimos interpelados a promover a beleza da comunidade e a reativar nossa Aliança fraterna,²¹ assim como a evitar a indiferença, a existência entre nós de grupos sem vivência comunitária e de individualismos apostólicos, de pessoas que vivam de costas para os demais e separadas deles. Também nos sentimos chamados a cultivar a escuta (dentro e fora da comunidade), a sensibilidade pelo outro, a comunicação espiritual, as relações fraternas e a transparência no partilhar nossos bens. Que o Espírito nos ajude a fazer sempre de nossa vida fraterna um anúncio alegre e transparente do Reino.

10. A fidelidade à vocação missionária claretiana (28-32): alegria e profundidade na nossa condição missionária e pertença congregacional. Fidelidade criativa que consolide a identidade missionária. “Conversão pastoral e missionária” que não pode deixar as coisas como estão. Acolhendo a insistência da Igreja, nos sentimos convidados – pessoal e comunitariamente – a cultivar uma fidelidade criativa que consolide e aprofunde nossa identidade de consagrados, reinterprete o carisma em novos cenários e nos induza a vivê-lo com mais alegria. Constatamos com

preocupação que não estamos tão perto dos jovens nem tão dispostos a acompanhá-los e convidá-los para ser servidores do Reino de Deus. Vemos a necessidade de incentivar em nós mesmos uma pastoral da fidelidade a vocação, de ter mais consciência de que precisamos nos cuidar uns com os outros com respeito e, também, com valentia.

A realidade mundial atual é complexa e exige dos(as) consagrados(as) um esforço pessoal e comunitário para realizar um discernimento capaz de contemplar a vontade de Deus e para onde o Espírito quer nos levar. Discernimento que exige, além da contemplação, uma análise da realidade fundamentada em formação, informação e estudos consistentes. Entender este mundo novo com seus desafios para melhor poder servi-lo e construir o Reino de Deus nele e a partir dele e suas forças e fraquezas, ameaças e oportunidades.

2. *Laudato Si'*

1. *“Louvado seja, meu Senhor”, cantava São Francisco de Assis. Nesse belo cântico nos recordava que nossa casa comum é também como uma irmã, com a qual partilhamos a existência, e como uma bela mãe que nos acolhe entre seus braços: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã mãe terra, que nos sustenta, e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e erva”.*

Com estas palavras, o Papa Francisco inicia a sua primeira encíclica, documento pontifício oficial, sobre o tema da ecologia, meio ambiente, cuidado com a vida humana e planetária, o clamor dos pobres, destruição da natureza, paradigma tecnocrático, diálogo político sobre o tema, consumismo doentio, conversão ecológica, espiritualidade ecológica etc. Esta 298ª encíclica papal acompanha o magistério de Francisco, que já brindou a humanidade com a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, e mais recentemente com a *Amoris Laetitia*.

No número 2 o Papa Francisco afirma que a irmã terra *“clama pelo dano que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus colocou nela. Crescemos pensando que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a expoliá-la. A violência que existe no coração humano, ferido pelo pecado, também se manifesta nos sintomas de enfermidade que percebemos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, está nossa oprimida e devastada terra, que “geme e sofre dores de parto” (Rm 8,22). Esquecemos que nós mesmos somos terra (Gn 2,7). Nosso próprio corpo está constituído pelos elementos do planeta, seu ar é o que nos dá o alento e sua água nos vivifica e restaura”.*

Francisco fala que nada neste mundo pode ficar indiferente a nós e que é preciso se unir por uma mesma preocupação em torno da criação. A encíclica está dividida em 5 capítulos:

1. O que está acontecendo em nossa casa (questão da água, perda da biodiversidade, deterioração da qualidade da vida humana e degeneração social, iniquidade planetária e diversidade de opiniões).

2. O Evangelho da Criação (a luz que oferece a fé, a sabedoria dos relatos bíblicos e o olhar de Jesus).

3. Raiz humana da crise ecológica (o paradigma tecnocrático dominante e no lugar do ser humano e de sua ação no mundo).

4. Uma Ecologia integral (ecologias ambiental, econômica e social, cultural e da vida cotidiana).

5. Algumas linhas de orientação e ação (diálogo sobre o meio ambiente na política internacional; diálogo para novas políticas nacionais e locais; diálogo e transparência nos processos de decisão; política e economia em diálogo para a plenitude humana; as religiões no diálogo com as ciências).

6. Educação e Espiritualidade Ecológica (“*muitas coisas têm que reorientar seu rumo, mas antes de tudo, toda a humanidade precisa mudar. Faz falta a consciência de uma origem comum, de uma pertença mútua e de um futuro partilhado por todos*”). Por isso é preciso apostar em outro estilo de vida (menos consumismo compulsivo, n. 203); apostar em uma educação para a aliança entre a humanidade e o ambiente e assumir uma conversão ecológica.

O Papa Francisco encerra a encíclica com algumas orações. Eis a primeira: ORAÇÃO PELA NOSSA TERRA.

“Deus onipotente, que está presente em todo o universo e na menor de tuas criaturas. Tu, que rodeias com tua ternura tudo o que existe, derrama em nós a força de teu amor para que cuidemos da vida e da beleza. Inunda-nos de paz, para que vivamos como irmãos e irmãs sem fazer dano a ninguém. Deus dos pobres, ajuda-nos a resgatar aos abandonados e esquecidos desta terra que tanto valem a teus olhos. Cura nossas vidas para que sejamos protetores do mundo e não predadores, para que semeemos com formosura e não com contaminação e destruição. Toca os corações dos que só buscam benefícios à custa dos pobres e da terra. Ensina-nos a descobrir o valor de cada coisa, a contemplar admirados, a reconhecer que estamos profundamente unidos a todas as criaturas em nosso caminho para tua luz infinita. Obrigado porque estás conosco todos os dias. Anima-nos, por favor, em nossa luta pela justiça, amor e paz”.

É nosso desejo que a leitura desta encíclica papal ajude a humanidade e a Vida Religiosa Consagrada a encontrar caminhos para resolver os problemas que afetam a vida humana e planetária, anime os que lutam e se comprometem nas ações humanitárias e ecológicas e promova a conversão dos indiferentes, dos destruidores e dos predadores da obra da criação. E, ratificando o que Passos escreveu em uma bela síntese:

A “Laudato Si’ é um anúncio utópico de um outro mundo necessário e possível; é utópica como foram outras proposições éticas religiosas e civis apresentadas para a humanidade. O mundo dá sinais de falência, e o regime tecnoeconômico, nenhum sinal de mudanças. O anúncio de novos rumos é, por essa razão, ainda mais urgente: mantém acesa a chama do bem comum, da vida comum e da casa comum.”²

3. Vida Religiosa e JPIC, Justiça, Paz e Integridade da Criação

A situação de miséria existencial e material de milhões de pessoas convida e intima a Vida Religiosa a ser mais profética e comprometida na transformação do mundo atual. A CRB, a CNBB e muitos escritores publicam textos que ajudam a aprofundar e a recordar que a Vida Religiosa Consagrada não pode ficar indiferente ao clamor dos pobres.

Os bispos brasileiros, nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*, DGAE, 2015–2019, falando do contexto atual, afirmam ainda, no n. 27, que “*em virtude do enfraquecimento das instituições e das tradições, cresce a responsabilidade pessoal... Em tempos de perplexidade e incertezas, os discípulos missionários necessitam de retidão ainda maior e fidelidade a Cristo ao pensar, sentir e agir. Devem verificar se estão, de algum modo, deixando de realmente defender, promover e testemunhar a vida em todas as suas dimensões*”.

Afirmam ainda, no n. 28, que o “*discípulo missionário não desanima nem se acomoda, mas reage segundo o espírito das bem-aventuranças (Mt 5,1ss.), colocando-se atento na presença do Senhor (1Sm 3, 9-10)... Não faltam sinais de esperança. Consta-se o avanço do trabalho de leigos e leigas na Igreja e na sociedade; ministros ordenados e membros da vida consagrada se dedicam com ardor à missão...*”.

No n. 22, tratando o tema do **campo social e econômico**, falam das “*ofertas de felicidade, realização e sucesso pessoal, em detrimento do bem comum e da solidariedade, desconsiderando as atitudes altruístas, solidárias e fraternas*”. Preocupa o crescimento, dentro do clero e da VRC, dos que vivem uma espiritualidade intimista e desencarnada, que não têm sensibilidade pelos problemas que afetam milhões de vidas e que não trabalham nem assumem processos de transformação.

A VRC é convidada a refletir sobre o seu papel ante as conquistas humanas atuais e os processos injustos que geram a exclusão e descarte de milhões de pessoas e a destruição do planeta. Oxalá, a cultura da “globalização da indiferença” não atinja os(as) consagrados(as)... E como afirmam

2 PASSOS, J. D. *A Igreja em Saída e a Casa Comum*. São Paulo: Edições Paulinas, 2016, p. 191.

nossos bispos, no n. 29 das DGAE, “os desafios existem para serem superados”. E parafraseando o Papa Francisco, no n. 109 da *Evangelii Gaudium*, fazem este apelo: “Não deixemos que nos roubem a força missionária”.

Vivemos um tempo de desencanto com as instituições e autoridades. Os consagrados vivem a virtude da esperança na certeza de que é Deus que conduz os processos, “este é um tempo para responder missionariamente à mudança de época com o recomeçar a partir de Jesus Cristo, com “novo ardor, novos métodos e nova expressão”, e com criatividade pastoral” (DGAE, n. 29).

O Papa Francisco, na mensagem do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, no dia 1º/9/2016, cujo tema foi “Usemos de misericórdia para com a nossa casa comum” convidava todos, no n. 4, a “**mudar de rumo e de vida**”. E isto, segundo o Papa, “pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas etc.” (LS, n. 211). “E não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas ações (...) provocam, no seio da terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente” (LS, n. 212). “E encoraja um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo” (LS, n. 222)

4. Processo da caridade à transformação política

Vivemos num mundo no qual milhões de pessoas não são respeitadas em sua dignidade. Faz parte da tradição cristã viver e praticar o *amor a Deus e aos irmãos*. A Igreja convida a todos a assumir este mandamento do Mestre Jesus, que deu a vida por amor. Mas, convida também, a todos os batizados e consagrados a trabalharem para que toda forma de miséria seja superada e se transforme a realidade de pecado e injustiça.

A VRC é chamada hoje a desenvolver uma sensibilidade espiritual e carismática, fiel aos valores essenciais do Cristianismo e da consagração religiosa, para que não fique insensível e feche as suas portas aos que a chamam, através do grito dos pobres e sobrantes, das vítimas das violências urbanas e rurais e das intempéries da natureza, das vítimas das injustiças políticas e econômicas.

A VRC é convidada a se converter e a se transformar, para ajudar na transformação do mundo e na superação de toda forma de miséria e exclusão; por isso, cada consagrado (a), como “discípulo missionário também sabe que não pode

restringir sua solidariedade ao gesto imediato da doação caritativa. Embora importante e mesmo indispensável, a doação imediata do necessário à sobrevivência não abrange a totalidade da opção pelos pobres. Antes de tudo, esta implica convívio, relacionamento fraterno, atenção, escuta, acompanhamento nas dificuldades, buscando, a partir dos próprios pobres, a mudança de sua situação e transformação social” (DGAE, n. 67).

É importante agir de tal modo que o amor e a caridade nos levem a assumir compromissos de promoção humana e transformação social, econômica, política e religiosa. Assim, proponho alguns passos para realmente construir processos de justiça e paz, que sejam transformadores e libertadores.

4.1. Caridade e Amor

Deus caritas est. Deus é amor. Jesus pediu aos seus seguidores que amassem a Deus e ao próximo. Assim, o cristão também é convidado a ser expressão do amor de Deus no mundo, pois para a *“Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que poderia mesmo deixar para os outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável de sua própria essência. Daí, ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres implica a fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza... Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros”* (DGAE, n. 66).

4.2. Assistência Social

“O JUÍZO FINAL. Vinde benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes até mim” (Mt 25,34–36).

A Assistência Social é um direito do cidadão, cujo objetivo é *“garantir o atendimento às necessidades básicas de proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e a prevenção da incidência de riscos, especialmente a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice”* (Lei 87242/93). Neste sentido, além das ações do Estado, estão presentes ações da sociedade civil e congregações religiosas, que auxiliam neste processo de atendimento aos mais necessitados.

A caridade cristã se torna serviço em todas as situações de miséria, existenciais e materiais, do mundo atual. Como discípulo missionário do Senhor, cada cristão se torna *“alguém que sonha e se compromete com um mundo onde seja, efetivamente, reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir uma vocação, envelhecer e morrer naturalmente, crer e manifestar a sua fé”* (DGAE, n. 65).

De modo especial, o discípulo missionário apoia a Igreja e todas as iniciativas da sociedade civil quando ocorrem situações de emergência e catástrofes, quando uma pessoa necessitada precisa de ajuda ou apoio numa situação emergencial. Tal como no número 15 da *Misericordiae Vultus* (**O rosto da Misericórdia**), o Papa Francisco convidava todos a praticarem as Obras de Misericórdia.

- **Obras de misericórdia corporal** (*dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos*).
- **Obras de misericórdia espiritual** (*aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos*).

Quanto à prática das Obras de Misericórdia, o Papa Francisco, na mensagem na Celebração do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, no dia 1º/11/2016, convidava os cristãos e pessoas de boa vontade a praticarem as Obras de Misericórdia, as espirituais e corporais e, além disso, nos propunha, no n. 5 da mensagem, a **obra de misericórdia do cuidado da criação**:

“Nada une mais a Deus do que um ato de misericórdia (...), quer se trate da misericórdia com que o Senhor nos perdoa os nossos pecados, quer se trate da graça que nos dá para praticarmos as obras de misericórdia em seu nome”. Obviamente, a ‘vida humana na sua totalidade’ inclui o cuidado da casa comum. Por isso, tomo a liberdade de propor um complemento aos dois elencos de sete obras de misericórdia, acrescentando a cada um o cuidado da casa comum. Como obra de misericórdia espiritual, o cuidado da casa comum requer ‘a grata contemplação do mundo’, que ‘nos permite descobrir qualquer ensinamento que Deus nos quer transmitir através de cada coisa’. Como obra de misericórdia corporal, o cuidado da casa comum requer aqueles ‘simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo’ e se manifesta o amor ‘em todas as ações que procuram construir um mundo melhor’”.

4.3. Promoção Humana

“Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra”. (Mt 5,5)

“Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”. (Jo 10,10)

O discípulo missionário é convocado a denunciar a idolatria do dinheiro e do mercado, a fomentar a inclusão social dos pobres, o diálogo, a paz, a justiça e a defesa da integridade da Criação. O verdadeiro amor é aquele que atende às necessidades do que vive na miséria e que o ajuda a encontrar o caminho para uma vida saudável, digna e autossustentável. É importante defender a educação básica e superior de qualidade e também condições dignas de trabalho, para formar pessoas que consigam sustento e

vida digna. Também não se pode negar ou subestimar o direito que cada cidadão tem no tocante aos cuidados de saúde, da sua concepção até a sua morte. É lamentável a situação da saúde pública na maioria dos países e a forma como muitos planos de saúde com qualidade só estão a serviço das elites. Também lamentamos a perda da qualidade de vida na família e na sociedade que afetam de modo negativo crianças, adolescentes e jovens, gerando pessoas com inúmeros problemas psicoafetivos e sociais, que muitas vezes perdem o encanto da vida e vão buscar a solução no mundo das drogas e em estilos de vida consumistas, hedonistas e criticáveis.

A Igreja convida seus fiéis a praticarem o **serviço testemunhal à vida**, *“de modo especial, à vida fragilizada e ameaçada, é a mais forte atitude de diálogo que o discípulo missionário pode e deve estabelecer com uma realidade que sente a negação da primazia do ser humano e o peso da cultura da morte”* (DGAE, n. 70).

4.4. Restauração

O discípulo missionário é chamado a ser sinal e ação de restauração de cada ser humano, manchado em sua dignidade, pelas mais diversas formas de violência do mundo atual. Como também, é chamado a uma “conversão ecológica”, incutindo em cada um a lógica do amor solidário contra toda espécie de egoísmo, um estilo de vida sóbrio contra toda espécie de consumo exarcebado. É preciso restaurar o respeito à vida digna, saudável, equilibrada, simples, alegre, frugal e pacífica.

Nossos bispos nos convidam a contemplarmos *“os diversos rostos de sofredores, especialmente os ‘resíduos e sobras’, o discípulo missionário enxerga, em cada um, o rosto de seu Senhor: chagado, destruído, flagelado* (Is 52,13ss.). *Seu amor por Jesus Cristo, o Cristo crucificado, leva-o a buscar o Mestre em meio às situações de morte* (Mt 25,31-46). *Leva-o a não aceitá-las, sejam elas quais forem, envolvendo-se na preservação da vida... Não se cala diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé”* (DGAE, n. 65).

4.5. Transformação e Libertação

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados... Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus”. (Mt 5,6.10)

É necessário que cada discípulo missionário se sinta comprometido na construção de um mundo melhor para todos, superando assim as injustiças, as propostas de corrupção, os erros dos sistemas políticos corporativistas e elitistas. O verdadeiro amor conduz o(a) consagrado(a) ir além das obras

assistenciais e promover a vida em plenitude, envolvendo-se na luta pelos direitos humanos, pela justiça, pela paz, pelo cuidado e integridade da criação e a assumir uma atitude de incidência política, participando de iniciativas políticas, sociais e econômicas que visam a real transformação do mundo e sua adequação ao Reino de Deus.

É imprescindível assumir processos de educação e de um estilo de vida saudável e honesto, que tenham a verdade e a dignidade como valores superiores, que conduzam a humanidade a relações políticas e econômicas mais maduras e acessíveis ao homem todo e a todos os homens. Como afirma Passos³, *“a criação de novos modos de vida é, portanto, fundamental para desencadear mudanças globais. A conversão e a educação, no fundo, são mudanças políticas... É a transformação do comportamento que vai criando uma nova cultura, antes que chegue a mudança político-estrutural.*

Aqui, a dimensão profética convida todos a anunciar a beleza da justiça e da paz e a denunciar todos os projetos do anti-Deus e do anti-Reino do amor e da paz. E a espiritualidade martirial será assumida onde for necessário, pois a construção do Reino também passa pela cruz e pela vida doada a serviço do amor e da justiça. Neste momento, quero recordar o Papa Francisco, na *Misericordiae vultus*, n. 19, quando falava do combate à corrupção. *“Corruptio optimi éssima: dizia, com razão, São Gregório Magno, querendo indicar que ninguém pode sentir-se imune desta tentação. Para erradicá-la da vida pessoal e social são necessárias prudência, vigilância, lealdade, transparência, juntamente com a coragem da denúncia. Se não se combate abertamente, mais cedo ou mais tarde torna-nos cúmplices e destrói-nos a vida”.*

Quanto ao envolvimento dos católicos no mundo da política, os bispos afirmam que a Igreja Católica *“reconhece a importância da atuação no mundo da política e incentiva os leigos e leigas, especialmente os jovens, à participação ativa e efetiva nos diversos setores voltados para a construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário(...) para que atuem nos movimentos sociais, conselhos de políticas públicas, associações de moradores, sindicatos, partidos políticos e outras entidades, sempre iluminados pelo Ensino Social da Igreja”* (DGAE, n. 68).

Quanto à Integridade e ao cuidado da Criação, o Papa Francisco, na mensagem na Celebração do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, no dia 1º/11/2016, no n. 4, afirmava:

o propósito de mudar de vida deve permear a maneira como estamos a contribuir para a construção da cultura e da sociedade a que pertencemos: de fato, “o cuidado da natureza faz parte de um estilo de vida que implica capacidade de viver

3 Ibidem, p. 189.

juntos e em comunhão” (LS, n. 228). A economia e a política, a sociedade e a cultura não podem ser dominadas por uma mentalidade de curto prazo nem pela busca de imediato benefício financeiro ou eleitoral. Pelo contrário, aquelas devem ser urgentemente reorientadas para o bem comum, que inclui a sustentabilidade e o cuidado da criação. A proteção da casa comum requer um consenso político crescente. Neste sentido, é motivo de satisfação o fato de que, em setembro de 2015, as nações da terra adotaram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e, em dezembro de 2015, aprovaram o Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas, que se propõe o difícil, mas fundamental objetivo de conter a subida da temperatura global. Agora, os governos têm o dever de respeitar os compromissos que assumiram, enquanto as empresas devem responsabilmente cumprir a sua parte, e cabe aos cidadãos exigir que isto aconteça e também se aponte para objetivos cada vez mais ambiciosos. Assim, mudar de rumo consiste em “respeitar escrupulosamente o mandamento primordial de preservar a criação de todo o mal, tanto para o nosso bem como para o bem de outros seres humanos”. Há uma pergunta que nos pode ajudar a não perder de vista este objetivo: “Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?”.

Importante recordar aqui que neste evento o Papa Francisco convidava os cristãos e pessoas de boa vontade a praticarem as Obras de Misericórdia, as espirituais e corporais e, além disso, nos propunha, no n. 5 da mensagem a **obra de misericórdia do cuidado da criação**.

“Nada une mais a Deus do que um ato de misericórdia (...), quer se trate da misericórdia com que o Senhor nos perdoa os nossos pecados, quer se trate da graça que nos dá para praticarmos as obras de misericórdia em seu nome”. Obviamente, a “vida humana na sua totalidade” inclui o cuidado da casa comum. Por isso, tomo a liberdade de propor um complemento aos dois elencos de sete obras de misericórdia, acrescentando a cada um o cuidado da casa comum. Como obra de misericórdia espiritual, o cuidado da casa comum requer “a grata contemplação do mundo”, que “nos permite descobrir qualquer ensinamento que Deus nos quer transmitir através de cada coisa”. Como obra de misericórdia corporal, o cuidado da casa comum requer aqueles “simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” e se manifesta o amor “em todas as ações que procuram construir um mundo melhor”.

Conclusão

Viver e atuar em uma dinâmica de JPIC é um convite cristológico e eclesial que pode ser contemplado na vida de cada consagrado e consagrada. Várias atitudes ou opções podem ser assumidas por cada religioso, comunidade ou província.

- Promover uma profunda revisão de posições pessoal, comunitária e congregacional, optando por iniciativas criativas e inovadoras de evangelização que nos levem às periferias humanas e aos novos cenários do diálogo profético.

- Buscar uma verdadeira conversão pastoral, segundo cada contexto, estando atentos à opção pelos pobres e excluídos e aos processos de transformação social e eclesial.
- Aprofundar e atualizar, em nossas frentes missionárias e pastorais, o compromisso insubstituível de uma evangelização partilhada com outros, a defesa e o cuidado da vida, a família, as culturas, os povos e a criação.
- Buscar formas e novos meios de articular processos de multiplicação de líderes evangelizadores para uma Igreja em saída, inclusiva, participativa, corresponsável e comprometida com a transformação eclesial, política e econômica.
- Promover ações e estudos que levem os(as) consagrados(as) a analisarem e refletirem sobre a realidade e os processos geradores de miséria e exclusão.
- Incentivar nossos formandos e formandas para que sejam sempre mais sensíveis aos processos de justiça e paz e cuidado da criação.
- Incentivar mais a solidariedade missionária em todas as áreas da Vida Religiosa Consagrada e também dar maior visibilidade às ações da JPIC e das instituições que trabalham em vista de um mundo melhor.
- Favorecer compromissos de acolhida e acompanhamento de pessoas e grupos de empobrecidos e excluídos, promovendo processos de inclusão e transformação social.
- Assumir uma postura de incidência política participativa e transparente.
- Utilizar os meios de comunicação que temos para promover e articular projetos de JPIC.
- Assumir um processo de conversão ecológica e um estilo de vida mais simples e frugal e uma educação ecológica, que é indissociável da educação para o consumo, que por sua vez é indissociável da educação política.⁴

4 Ibidem, p. 188.

Perguntas para reflexão

1. Qual o significado da *Laudato Si'* para a VR? Ela provoca um desejo de conversão e gestos concretos para cuidar mais da Casa Comum?
2. Assumimos o compromisso de mudar o nosso estilo de vida consumista e predador para viver com frugalidade e simplicidade?
3. Estamos dispostos a defender a integridade da Criação e lutar por isso?
4. Que propostas de reflexão e ação em JPIC podem ser assumidas, pessoal e comunitariamente?
5. Com quais grupos e instituições se pode trabalhar em conjunto e parcerias para se integrar mais nos projetos de transformação política e econômica?

Referências:

- CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.
- FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulus Editora/Edições Loyola, 2015.
- _____. *Laudato Si'*. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.
- _____. *Amoris Laetitia*. Documentos Pontifícios 24. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- LIBÂNIO, J. B. *Cenários da Igreja*. Num mundo plural e fragmentado. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- PASSOS, J. D. *A Igreja em Saída e a Casa Comum*. São Paulo: Edições Paulinas, 2016.

O desafio de ser um animador vocacional

“A vocação é uma resposta corajosa, alegre e generosa ao chamado de Deus, percebida no cotidiano da vida e na história humana”.

Papa Francisco

Acompanhar vocações, um desafio!

O caminho feito por um(a) vocacionado(a) nos desafia como animadores(as) vocacionais a encontrar sempre melhores formas de acompanhá-lo(a). Podemos dizer que acompanhar jovens vocacionados(as) é um verdadeiro caminho para a santidade, é uma responsabilidade que nos compromete, nos envolve e nos desafia a viver em grande missão. Esta dimensão do acompanhamento como missão nos pede esforço e sensibilidade pessoal para entender a presença constante de Deus em toda a caminhada percorrida entre o animador e o vocacionado. Segundo José Lisboa,¹ “de modo geral tudo é divina vocação no mundo. Vocação à vida. Vocação à fé. Vocação à santidade. Cada ser e cada estado digno do ser corresponde a uma divina vocação”.

A reflexão a seguir deseja justamente aprofundar e ampliar nossa reflexão acerca do perfil de quem acompanha jovens vocacionados(as). É importante compreender que, antes de qualquer conteúdo, é fundamental que na missão sejamos profundamente humanos, dinâmicos e criativos no acompanhamento de jovens vocacionados(as).

Partindo dessa perspectiva, e sabendo das diversas realidades que nos interpelam e nos desafiam, é importante que estejamos conscientes do nosso grande desafio de acompanhar. Em uma de suas palestras, José Lisboa dizia: “só existe acompanhamento vocacional para quem deseja ser acompanhado, ou seja, o vocacionado deve querer ser acompanhado; ele deve sentir

1 OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Nossa resposta ao amor. Teologia das vocações específicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 21.

que isso é necessário no processo”. Isso pode nos consolar e ao mesmo tempo nos alertar da tamanha responsabilidade de acompanhar um(a) jovem que está construindo (pensando) seu Projeto Pessoal de Vida. “É preciso educar o jovem e a jovem para terem um projeto de vida”.²

Em um trabalho de discernimento vocacional com grupos de jovens, o último passo a ser dado será o de ajudar os seus membros a tomar consciência de que Deus tem um plano para cada pessoa, ou seja, Deus chama cada jovem para um serviço específico na Igreja e para a construção do Reino (Setor de juventudes e vocações – CNBB, 2001 p. 15).³

É fundamental que durante o processo vocacional o(a) animador(a) vocacional ajude a pessoa que está sendo acompanhada a organizar o seu Projeto Pessoal de Vida. Este acompanhamento não pode criar dinamicidade que sufoque o(a) vocacionado(a). Essas estratégias não alimentam o espírito de liberdade, nem mesmo estimulam o(a) vocacionado(a) a apresentar-se por inteiro, trazer seus verdadeiros sentimentos e lidar com transparência no processo de acompanhamento.

É importante que durante a caminhada vocacional os(as) jovens tenham acompanhamento vocacional. Este acompanhamento é pessoal e ao mesmo tempo grupal, são elementos complementares e fundamentais ao discernimento vocacional; o acompanhamento é sobretudo uma relação de ajuda entre o(a) animador(a) vocacional e o(a) vocacionado(a).

Outra dimensão importante é compreender que o acompanhamento não está única e exclusivamente ligado ao ato de conversar. A palavra, por si, já demonstra toda a sua intensidade. Acompanhar é conhecer “*estar ou ficar junto a (alguém), constantemente, ou durante certo tempo. Conviver ou compartilhar situações com, ou ser companheiro*”.⁴

Acompanhar, portanto, é assumir o compromisso de fazer caminho ao lado do(a) vocacionado(a), respeitá-lo(a), conhecendo suas raízes, seu contexto social, sua família, seus desejos, seus desafios, suas conquistas. Só podemos acompanhar quando nos envolvemos por inteiro, quando temos possibilidade de contribuir significativamente na vida do(a) vocacionado(a).

O acompanhamento, por conseguinte, é uma missão. Não deve ser para qualquer pessoa, mas para aqueles e aquelas que estão dispostos e de

2 CNBB - Setores de Juventude e Vocações e Ministérios (Org.), Assessoria vocacional a grupos de jovens. *Como fazer PJB*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

3 Idem.

4 Dicionário virtual: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=acompanhamento>. Acesso em 24 de outubro de 2016.

coração aberto a desenvolver habilidades capazes de conduzir processos; capazes de assumir o verdadeiro compromisso de ajudar o(a) jovem na construção de si mesmo(a) e de seu projeto pessoal de vida. O grande desafio de acompanhar supõe que estejamos, por inteiro, focalizados em quem vamos acompanhar; dispostos a “ser eternamente responsáveis pelo que cativamos” (Exupéry).

O(a) animador(a) vocacional e o processo vocacional

No itinerário vocacional, compreendemos que, para se fazer opção de vida, é necessário vivenciar um caminho, com processos que tenham tempo suficiente de discernimento. O(a) animador(a) vocacional, por sua vez, compreende esse tempo e deve respeitar cada momento vivenciado pelo(a) vocacionado(a). A palavra sensibilidade é fundamental nesse caminho. O(a) animador(a) deve ajudar o(a) vocacionado(a) a viver com intensidade o processo vocacional, sobretudo os sentimentos inquietantes, as tantas dúvidas e os desafios. Tudo isso é fundamental que seja vivido com intensidade pelo(a) vocacionado(a).

Podemos considerar como uma armadilha a atitude do(a) animador(a) vocacional que resolve os sentimentos inquietantes, responde às tantas dúvidas e vive pelos(as) vocacionados(as) tantos desafios que aparecem no processo. Somos tendenciosos(as) quanto a isso. Quando aparece um problema na vida de uma pessoa que acompanhamos, imediatamente apontamos a solução. Quando aparece um desafio, imediatamente apontamos o caminho para se resolver logo. Quando há dúvidas quanto a escolhas vocacionais, por exemplo, já direcionamos os(as) jovens para tal vocação específica.

O(a) verdadeiro(a) e significativo(a) animador(a) vocacional é aquele(a) que compreende o contexto em que vive o(a) jovem e o(a) ajuda a viver essa fase, para que ele(a) mesmo(a) encontre respostas para seus sentimentos, seus desafios e suas dúvidas. Por isso, é importante vivenciar cada passo do processo vocacional.

A sensibilidade do(a) animador(a) vocacional deve também ser “elástica”, ou seja, podemos dizer que nosso acompanhamento deve ser flexível. A flexibilidade, por sua vez, nos interpela a entender o caminho que o(a) jovem está fazendo. Nessa dinâmica, devemos saber o melhor momento para ajudar o(a) vocacionado(a) a dar passos concretos no processo.

É fundamental que estejamos atentos(as) aos momentos tocantes vivenciados por eles(as), e perceber onde podemos contribuir, de forma construtiva, questionadora e transformadora. Eis o desafio para um(a) animador(a)

vocacional: conhecer a realidade, conhecer o(a) jovem e, diante disso, ajudá-lo(a) na elaboração de seu projeto pessoal de vida.

Quem trabalha com jovens vocacionados e sabe que a vocação é, antes de tudo, chamamento divino, não se deixa levar pela aparência. Procura discernir com muito cuidado os sinais de vocação para ver se são realmente autênticos, pois nem sempre eles são expressão da vontade de Deus. Às vezes, quando bem verificados podem manifestar desequilíbrios. Por si só não são suficientes. Por isso mesmo, o animador ou a animadora vocacional terá de verificar se se trata de um verdadeiro chamado ou de uma fuga, da busca de compensações ou coisa semelhante, uma vez que nem sempre certos sinais, como o espírito de oração e a disponibilidade, podem ser tomados como sinais claros de que Deus chama de imediato uma vocação.⁵

Ser convicto(a) da própria vocação, para acompanhar.

Acompanhar jovens vocacionados(as) nos interpela a que sejamos convictos(as) do que somos, do que fazemos e do que vivemos. A convicção nos coloca na situação de referência. É natural, se somos convictos(as), muitos nos procurarem para entender de onde vem tamanha convicção.

As pessoas convictas estão por inteiro no exercício da vida. Certamente porque confiam em si mesmas e, quando fazem algo, estão por inteiro. Para o(a) vocacionado(a) em processo é fundamental a presença de uma pessoa convicta em sua vida. Porque tal pessoa tem a grande missão de contribuir em sua caminhada vocacional, mas também de ajudá-lo(a) a fazer esse caminho de descoberta relacional, consigo mesmo(a), com o outro, com a sociedade e com Deus.

Vocação é graça. Todo o processo vocacional também o é, tanto para quem acompanha, quanto para quem é acompanhado. É exatamente por isso que esse processo merece cuidado especial. É nele que se pode observar a forma como Deus vai agindo naquele que recebe o chamado e como pessoa vai elaborando sua resposta vocacional.⁶

Diante disso, compreendemos que a convicção da vocação é justamente a certeza de que Deus está presente em nossa vida. Se há convicção é porque há liberdade, felicidade, amor, responsabilidade, carinho e muita inteireza no que se vive vocacionalmente. Certamente, é nesse mistério da presença de Deus que encontramos nossa convicção nas escolhas vocacionais de nossa vida. Tendo isso como pressuposto, certamente teremos grande possibilidade de ajudar outros(as) a também serem convictos(as). A convicção, portanto, é o maior testemunho do(a) animador(a) vocacional.

5 OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Teologia da vocação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 21.

6 *Ibidem*, p. 22.

A animação vocacional exige dos cristãos e cristãs um testemunho autêntico de vida (Mt 10,32-33). Este testemunho deve ser traduzido concretamente na prática do amor e do serviço. Somente o amor (Jo 13,35) e na diakonia (Jo 13,12-18; Mc 10,32-33) os homens e as mulheres conhecerão que somos discípulos de Cristo. O amor, porém, não pode ser reduzido a palavras, mas deve ser traduzido em ações e em verdade (1 Jo3,18). Era uma característica forte dos primeiros cristãos: união, oração, partilha dos bens, simplicidade, coragem, vida de ação de graças. (At 2,42-47; 4,32-37).⁷

Por essa razão, nossa missão é grande porque, para além de animadores(as) vocacionais, somos sinais da presença de Deus na vida das pessoas. Isso nos faz crer que todo e qualquer processo vocacional deve ter muito amor, cuidado, atenção, carinho e cumplicidade entre quem acompanha e quem está sendo acompanhado(a). Para tanto, estejamos atentos aos aspectos e dimensões elencados abaixo.

São dimensões importantes a serem vivenciadas pelo(a) vocacionado(a) durante o processo vocacional. Como a caminhada de discernimento vocacional é longa, tem grandes experiências e profundos momentos de autocompreensão do processo, é importante ser considerado que o(a) jovem esteja:

- participando ativamente dos encontros do grupo vocacional;
- vivenciando momentos intensos de atividades (missão, retiro, dinâmicas, oração, engajamento eclesial etc.);
- acolhendo a experiência e entendendo o processo a partir das etapas vocacionais;
- aprofundando o conhecimento e o amor ao Senhor, que se revela para cada pessoa e para a comunidade;
- cultivando atitudes e capacidades adequadas à sua vocação;
- buscando discernir os apelos de Deus em sua vida;
- elaborando seu Projeto Pessoal de Vida e colocando em prática suas convicções pessoais;
- vivendo o momento de acompanhamento vocacional livremente.

O acompanhamento vocacional deve ajudar o(a) vocacionado(a) a tomar consciência de suas reais motivações vocacionais e a conquistar autonomia nas decisões, discernindo o plano de Deus em sua vida, de forma a amadurecer sua resposta. Para isso, é fundamental que o(a) animador(a) vocacional tenha:

7 OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Evangelho da vocação: dimensão vocacional da evangelização*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 152.

- entendimento de que a escuta ao chamado de Deus acontece no contexto em que o(a) vocacionado(a) está inserido(a);
- aproximação da realidade daquele(a) a quem quer e deseja falar, para favorecer um dizer contextualizado, capaz de ser perfeitamente entendido, porque brota do coração da realidade;
- respeito, acolhida e abertura à pessoa no que ela é;
- escuta atenta e dialógica, com respeito às diferenças individuais, à cultura e à maturidade dos(as) vocacionados(as);
- paciência para reconhecer o tempo necessário para o(a) vocacionado(a) dar cada passo;
- cuidado em relação à qualidade do processo vocacional;
- testemunho, nas atividades que desempenha, do seu amor à vocação, da paixão por Jesus e do compromisso com o Reino. Viver com alegria a própria vocação;
- conhecimento dos elementos da realidade em que vive o(a) vocacionado(a).
- escuta do(a) vocacionado(a) com os sentimentos do coração;
- compreensão e respeito do momento que o(a) jovem está vivendo;
- não somente acolhimento do que o jovem diz, mas também ajuda na reflexão sobre sua visão das coisas.

Implicações eclesiais no acompanhamento vocacional

José Lisboa dizia, em suas assessorias, que *“toda a comunidade cristã deveria ser animadora vocacional”*; pelo batismo somos chamados a isso. É importante que isso vingue no acompanhamento dos(as) vocacionados(as) hoje. Ou seja, não tem sentido fazer uma opção de vida e viver isolado. Isso não é ser Igreja. Isso não é Reino de Deus. O caminho do isolamento é o caminho do egoísmo, da tristeza, da falta de compartilhar com o outro o grande tesouro que encontramos, nossa própria vocação.

O isolamento ao qual me refiro neste momento é justamente a ganância, o egoísmo, o individualismo, a incompreensão, isolamentos fatais que nos distanciam da alegria de ser animador(a) vocacional. A comunidade eclesial tem a grande missão de ser inclusiva, de ser revitalizadora e de conquistar a juventude para estar dentro dela e sendo corpo vivo nela. *“A animação vocacional está relacionada com a comunidade de fé, a qual deve assumir a responsabilidade direta do dever de chamar”*.

Sabemos que o fato de ser o(a) animador(a) ou encarregado(a) oficial para fazer a Animação Vocacional nos coloca muitas vezes na condição de personagem que RECRUTA vocações para a comunidade, mas, na verdade, o(a) animador(a) vocacional deve ser o(a) primeiro(a) que motiva e incentiva a comunidade a ser geradora e gestora de vocações. Para José Lisboa, “não existe a figura do animador vocacional herói, solitário, separado, autônomo, desligado da comunidade, uma espécie de reprodutor vocacional, do qual todos cobram a multiplicação de vocações”.

Levando em consideração que todos somos animadores(as) vocacionais, estejamos atentos(as) aos seguintes elementos a serem considerados no perfil de um(a) animador(a) vocacional.

Capacidade de acompanhar

Caminhar com quem faz discernimento supõe que estejamos inteiramente disponíveis para acompanhá-lo. Com isso precisamos nos convencer de que somos capazes de acompanhá-lo. Esse convencimento não deve ser orgulhoso, mas sincero e consciente da responsabilidade que temos em nossas mãos. Acompanhar exige habilidade de ser humano e espiritual. Todos nós temos essas duas dimensões muito fortes dentro de nós. Precisamos, no entanto, despertá-las nas habilidades de acompanhar.

Convicção e disponibilidade para acompanhar processos

A convicção, como já refletimos anteriormente, é a certeza de que não estamos vivendo esse ofício do acompanhamento por obrigação, mas por amor e carinho à pessoa que está em discernimento. A disponibilidade é fundamental para compreender que precisamos dedicar tempo ao acompanhamento. Não há acompanhamento quando não há disponibilidade para acompanhar. É importante garantir que o acompanhamento aconteça com frequência e tenha conexão direta com o processo vocacional.

Sabedoria espiritual

Sabedoria se adquire com experiência, com vivências profundas em relação ao que somos e em relação ao que transmitimos para os outros. Espiritualidade é a arte de caminhar por dentro de nós mesmos e também externamente, sabendo lidar com o outro e percebendo a ação de Deus que nos torna especiais nessa caminhada. O(a) animador(a) vocacional busca ter essas duas grandes virtudes em sua vida.

- a certeza de que Deus caminha com elas;
- que Deus está presente na vida e em tudo o que vivemos;
- a percepção de que viemos de Deus, vivemos com Ele e para Ele voltaremos;
- que somos, na vida, seres de Deus; portanto, ser de Deus requer de nós sabedoria, cuidado com a vida.

Ser um(a) animador(a) vocacional, portanto, nos convoca a fazer uma grande caminhada de sabedoria espiritual. Podemos ser pessoas geradoras de esperança, de amor, de bondade. E isso tudo podemos exercer em nossa missão como animador(a) vocacional.

Concluindo

A grande responsabilidade e a grande missão de acompanhar jovens vocacionados(as) está em nossas mãos, e mais do que delinear perfis de quem acompanha as vocações, podemos nós mesmos pensar: que tipo de animador(a) vocacional sou? Como lido com isso no meu dia a dia? Quem são os meus referenciais quando estou vivenciando a missão de acompanhar?

Temos o grande desafio de ser ponte, de ser sinal vocacional, de ser orientador(a) de pessoas que estão em pleno ápice da vida, desejosas de viver muitas experiências, sonhadoras e cheias de expectativas. Como podemos ajudar essas pessoas no discernimento, na elaboração de um significativo projeto de vida, onde possam ser cada dia mais pé no chão, mais conscientes e mais convictas de suas escolhas?

O Projeto de Vida e a cultura vocacional são dois elementos necessários dentro dessa caminhada. Todo(a) animador(a) vocacional deve saber que um projeto de vida é fundamental numa caminhada de discernimento vocacional. Este projeto deve considerar aspectos relacionados à história de vida, às raízes, aos fatos marcantes, à estrutura pessoal atual, como a pessoa se sente, suas características, suas qualidades e desafios pessoais e, por fim, aos seus sonhos, seus ideais, seus compromissos e escolhas pessoais, e dentro disso tudo, destacamos todas as dimensões necessárias para viver a escolha vocacional com intensidade.

A cultura vocacional, por sua vez, é outro aspecto fundamental e necessário; precisamos tomar consciência de que, sós, não damos conta de recriar, de dinamizar, de chamar a atenção! Criar cultura é ajudar o outro

a fazer parte e abraçar em comunhão toda a proposta da missão de acompanhar. Podemos dizer que nesta caminhada, ou seja, nesta missão, não estamos sozinhos, temos uma multidão de fiéis, de homens e mulheres que estão dispostos(as) e só precisamos nos entreajudar, caminhar em conjunto, encontrarmos juntos as soluções mais viáveis para as tantas crises, para os tantos desafios. Não podemos aceitar que exista crise vocacional. O que precisa ser fortalecido é nossa capacidade de fazermos o diferencial e assim despertar jovens que desejem também seguir Jesus Cristo e torná-lo conhecido e amado.

Para refletir e discutir

1. Como me sinto como animador(a) vocacional, e que características devem ser alimentadas nessa missão?
2. Acompanhar jovens vocacionados(as) é um grande desafio, como vivenciamos essa grande missão em nossa vida?
3. O acompanhamento vocacional é indiscutível e inegociável, como podemos garantir que ele seja constante e quais são as melhores formas de diálogo com os(as) vocacionados(as)?